

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

REJANE NISSOLA DA CUNHA

**APROPRIAÇÃO DA *INTERNET* POR ADOLESCENTES:
NOVAS REALIDADES, NOVOS PERIGOS**

Porto Alegre
2010

REJANE NISSOLA DA CUNHA

**APROPRIAÇÃO DA *INTERNET* POR ADOLESCENTES:
NOVAS REALIDADES, NOVOS PERIGOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora:
Dra.ANA VILMA TIJIBOY

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Profa. Rosa Maria Vicari

Coordenador(as) do curso de Especialização em Mídias na Educação: Profas. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

- ao meu esposo, João Paulo, que esteve ao meu lado em todos os momentos, incentivando e apoiando meu processo de aprendizagem;

- a minha filha, Giovana, que mesmo antes de nascer, foi fonte inspiradora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que responderam os questionários da pesquisa: alunos, pais e professores, sem a participação de todos a pesquisa não poderia ser realizada.

À direção da escola, Monsenhor Leopoldo Hoff, que sempre mostrou-se disponível para informações e deixou as portas abertas para que o trabalho pudesse ser realizado na instituição.

Aos colegas do curso Mídias na Educação que fizeram parte de todo processo de aprendizagem e construção deste trabalho, pelas trocas de ideias e sugestões.

A minha orientadora Ana Vilma, pelo apoio, dedicação, carinho e atenção. Por estar sempre me estimulando e disponível para responder as dúvidas e problemas que surgiram durante a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho estuda a forma como os adolescentes utilizam a *Internet* nos dias atuais e a visão de pais e professores sobre o assunto. A abordagem utilizada na pesquisa foi a quantiqualitativa, através de um estudo de caso. O referencial teórico aborda tal tema iniciando por contextualizar o cenário atual num viés social e tecnológico. Segue-se, então, para uma descrição sobre o cenário educacional. O terceiro capítulo discorre sobre a adolescência nos tempos modernos, suas características e peculiaridades em relação a outras gerações. Dando sequência, é apresentado um relato envolvendo alunos do ensino médio, de uma escola pública estadual do município de Porto Alegre. Onde se constatou que os adolescentes utilizam no seu dia a dia a *Internet* e acessam, principalmente, *sites* de relacionamentos como Orkut e MSN, tendo sido notada certa falta de cuidado com o acesso a alguns conteúdos na rede, o que preocupa os pais. Os adolescentes afirmam não terem medo ao acessar a *Internet*, acessam *sites* não recomendados para sua idade e publicam fotos e vídeos em seus *sites* de relacionamento. Os pais, pelo contrário, se preocupam e sentem insegurança quando seus filhos estão conectados à rede. Tanto pais como professores dizem dar orientações quanto ao uso correto da rede, porém, os mesmos não controlam os conteúdos acessados pelos adolescentes. Os alunos demonstraram conhecer o fenômeno *ciberbullying*, a maioria nunca foi vítima de tal crime, porém quase metade dos alunos conhece alguém que já foi alvo de tal crime. Os adolescentes confiam em seus pais na hora de consultá-los, caso venham a ser vítimas de algum crime na *Internet*, no entanto, a mesma confiança não é transmitida pelos professores. Devemos aproximar mais a escola dos interesses dos alunos através de profundas mudanças de concepções e paradigmas de educação, associando as tecnologias de informação e comunicação, tão presente na vida fora da escola, ao cotidiano escolar.

Palavras-chave: *Internet* – adolescente – *ciberbullying*.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: ACESSO À <i>INTERNET</i> PELOS PAIS.....	28
TABELA 2: LOCAIS DE ACESSO À <i>INTERNET</i> (ALUNOS).....	29
TABELA 3: LOCAIS DE ACESSO À <i>INTERNET</i> POR PARTE DOS ALUNOS (SEGUNDO OS PAIS).....	29
TABELA 4: <i>SITES</i> ACESSADOS PELOS ALUNOS	31
TABELA 5: <i>SITES</i> ACESSADOS PELOS ALUNOS (SEGUNDO OS PAIS).....	31
TABELA 6: CONFIABILIDADE DAS INFORMAÇÕES PROPAGADAS NAS REDES DE RELACIONAMENTO	34
TABELA 7: ITENS PUBLICADOS NA <i>INTERNET</i>	37
TABELA 8: SENSAÇÃO DE MEDO AO ACESSAR A <i>INTERNET</i>	41
TABELA 9: CONTROLE DE ACESSOS	42
TABELA 10: ADULTOS IDENTIFICAM PERIGO NA REDE MELHOR QUE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	43
TABELA 11: VOCÊ COSTUMA DAR ORIENTAÇÕES SOBRE OS PERIGOS NA <i>INTERNET</i>	43
TABELA 12: CONHECIMENTO SOBRE <i>CIBERBULLYING</i>	45
TABELA 13: VOCÊ JÁ FOI ALVO DE <i>CIBERBULLYING</i>	46
TABELA 14 VOCÊ SABE SE SEU FILHO/ALUNO JÁ FOI ALVO DE <i>CIBERBULLYING</i>	46
TABELA 15: CONHECIMENTO DE ALGUÉM QUE TENHA COMETIDO <i>CIBERBULLYING</i>	47
TABELA 16: CONHECIMENTO DE ALGUÉM QUE TENHA SIDO ALVO DE <i>CIBERBULLYING</i>	47
TABELA 17: CONSULTA AOS PAIS EM CASO DE AMEAÇA VIRTUAL	47
TABELA 18: SEU FILHO O CONSULTARIA.....	48
TABELA 19: CONSULTARIA ALGUM PROFESSOR EM CASO DE AMEAÇA VIRTUAL.....	48

TABELA 20: SEUS ALUNOS O CONSULTARIAM.....48

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO1: IDADE DOS ALUNOS	28
GRÁFICO 2: HORAS POR SEMANA DE ACESSO À <i>INTERNET</i> (ALUNOS)	30
GRÁFICO 3: HORAS POR SEMANA DE ACESSO DOS ALUNOS A <i>INTERNET</i> (SEGUNDO OS PAIS)	30
GRÁFICO 4: NÚMERO DE AMIGOS VIRTUAIS QUE OS ALUNOS TÊM EM CADA COMUNIDADE OU RECURSO DE INTERAÇÃO <i>ON-LINE</i>	32
GRÁFICO 5: CONHECIMENTO POR PARTE DOS PAIS DA QUANTIDADE DE AMIGOS VIRTUAIS DE SEUS FILHOS EM CADA COMUNIDADE ACESSADA	33
GRÁFICO 6: AMIGOS VIRTUAIS QUE CONHECEM PESSOALMENTE	33
GRÁFICO 7: POPULARIDADE NA <i>INTERNET</i>	36
GRÁFICO 8: SEGURANÇA NA PUBLICAÇÃO, SEGUNDO OS ALUNOS	38
GRÁFICO 9: SEGURANÇA NA PUBLICAÇÃO (RESPOSTAS DOS ALUNOS SOBRE O QUE PENSAM SEUS PAIS)	39
GRÁFICO 10: SEGURANÇA NA PUBLICAÇÃO (SEGUNDO OS PAIS)	39
GRÁFICO 11: ACESSO A CONTEÚDOS NÃO RECOMENDADOS (ALUNOS)	40
GRÁFICO 12: CONHECIMENTO SOBRE CONTEÚDOS NÃO RECOMENDADOS ACESSADOS PELOS FILHOS	40

SUMÁRIO

RESUMO	6
LISTA DE TABELAS	7
LISTA DE GRÁFICOS.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
1 CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO SOCIAL.....	13
2 CENÁRIO EDUCACIONAL	15
2.1 Novas funções e novos papéis	15
2.2 Novas exigências do professor	17
2.3 Novas exigências do aluno	18
3 ADOLESCÊNCIA NOS TEMPOS MODERNOS	20
3.1 Utilização das novas tecnologias pelos adolescentes	20
3.2 <i>Bullying e cyberbullying</i>	22
4 DADOS: COLETA, ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	24
4.1 O contexto do estudo	24
4.2 A questão norteadora	25
4.3 Os sujeitos de pesquisa.....	25
4.4 Instrumentos de coleta de dados	26
4.5 Natureza e tipo de pesquisa	27
4.6 Apresentação dos dados coletados e discussão	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS.....	55
Termo de consentimento livre e esclarecido	56
Questionário destinado aos alunos	57
Questionário destinado aos pais	60
Questionário destinado aos professores.....	63
Tabelas.....	66

INTRODUÇÃO

A proliferação do uso da *Internet* e, principalmente, das redes sociais nela contidas, expressa tanto o que há de positivo quanto o que existe de negativo na sociedade. Isto é, esse novo meio de interação e relacionamento, como outros, pode ser utilizado de modo positivo aproximando, permitindo o crescimento, a colaboração, a solidariedade, entre outros, mas, também, pode ser usado de forma inapropriada ou distorcida, incentivando o ódio, a discriminação, a intolerância, a violência, etc.

Neste contexto, a forma como o adolescente utiliza a *Internet* torna-se uma preocupação constante nos meios escolares e nas famílias e justifica um estudo sobre tal tema.

No meio do turbilhão de informações e recursos de interação com outras pessoas desconhecidas, de forma virtual, os adolescentes, muitas vezes, acabam expondo sua vida para milhares de pessoas sem noção das graves consequências que isso possa gerar. Por outro lado, outros adolescentes utilizam a *web* e suas poderosas ferramentas de forma antiética, aproveitando-se do anonimato propiciado pelo meio virtual para prejudicar outras pessoas.

Frente a esta realidade, considera-se de suma importância a verificação de como nossos alunos do ensino médio estão utilizando a rede, analisar esses dados para saber se estão cientes dos perigos da má utilização da mesma. Ao mesmo tempo, cabe conhecer, também, o que os professores e pais desses alunos pensam sobre a exposição de dados pessoais na *Internet*. Comparar a percepção desses três grupos permitirá saber se estão em sintonia entre si ou se há grandes discrepâncias.

Inúmeros questionamentos surgem sobre a temática em questão, como por exemplo, a quem cabe a responsabilidade de preservar a integridade de crianças e adolescentes (alunos de ensino fundamental e médio) frente ao uso indevido e perigoso da *Internet*?

No entanto, este trabalho aborda mais especificamente a utilização da *Internet* pelos adolescentes inseridos na faixa etária de quatorze a dezoito anos, que cursam o ensino médio em escola pública estadual do Rio Grande do Sul e, com isso, os novos perigos que enfrentam nessa nova realidade. Para abordar tal tema, inicia-se por contextualizar o cenário atual num viés social e tecnológico. Segue-se, então, para uma descrição sobre o cenário educacional. O terceiro capítulo aborda a adolescência nos tempos modernos, suas características

e peculiaridades em relação às outras gerações. Dando sequência, é apresentado um relato de uma experiência envolvendo alunos do ensino médio de uma escola pública estadual do município de Porto Alegre. Finalmente, são tecidas as considerações finais.

1 CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO SOCIAL

Nossa sociedade, ao longo de sua existência, sempre esteve sujeita a constantes transformações. Essas mudanças ocorreram, ora de forma mais lenta, ora mais rápida. O que difere as transformações a que somos atualmente submetidos é a velocidade e a amplitude que elas ocorrem, pois atingem praticamente todas as áreas de conhecimento e atividade humanas de forma muito acelerada. Essas mudanças ocorrem na área social, cultural, econômica e política.

A massa de informações armazenadas cresce em um ritmo cada vez mais rápido. Os conhecimentos e habilidades da esfera tecnocientífica e das que dela dependem evoluem cada vez mais rápido (LEVY, 1993, p. 121).

Como se poderia resumir a mudança que vivenciamos atualmente? Nas palavras de Tijiboy (2001, p. 48): “Atualmente, uma nova era está em andamento, onde o que prima é a informação”. Mas por que essas mudanças estão acontecendo tão rapidamente? Podemos dizer que as novas tecnologias de comunicação (TICs) contribuem de forma direta para isso, como sugere Levy (1993, p. 17):

Nenhuma reflexão séria sobre o devir da cultura contemporânea pode ignorar a enorme incidência das mídias eletrônicas (sobretudo a televisão) e da informática.

Hoje, sem precisarmos nos deslocar, conseguimos informações de qualquer parte do mundo em tempo real. Podemos ter amigos das mais variadas partes do planeta, explorar diferentes culturas, assistir aulas, conferências, congressos que acontecem em lugares distantes e, ainda, interagir como se estivéssemos presentes. Podemos, também, acessar bibliotecas, ler livros, jornais e revistas, fazer serviços bancários, trabalhar, enfim, temos um leque de possibilidades presentes no interior de nossas casas, ao alcance de um clique em nosso *mouse*. Com tudo isso, a “noção de distância se altera” (LEIVAS, 2001, p. 77). Não importa se conversamos com alguém que mora no mesmo bairro, ou do outro lado do país, ou do mundo. Não percebemos a diferença, pois os acessos ocorrem instantaneamente.

Nessa mesma direção, Assman (2005, p. 39) acredita que:

Atualmente, as tecnologias digitais são as principais responsáveis pelas transformações sociais e culturais e representam uma força determinante, pois se constitui gestoras de um novo tipo de sociedade, a sociedade da informação.

Mesmo os que não têm acesso a tanta tecnologia em suas casas, são, de forma direta ou indireta, influenciados por essas transformações. A grande maioria dos cidadãos, de alguma forma, precisa utilizar estas novas tecnologias. Seja num caixa eletrônico, na verificação de preços num supermercado ou no cartão magnético do ônibus, grande parte da sociedade gira em torno da tecnologia.

Kopp (2001, p. 60-61) afirma que nos dias atuais:

... os sistemas informatizados sustentam a difusão de informações, conquistas científicas, controle econômico, enfim, uma série de atividades humanas antes desempenhadas de maneira artesanal ou com auxílio de outros recursos técnicos de menor envergadura.

O surgimento do computador pessoal contribuiu de forma direta para que as mudanças em nossa sociedade fossem ainda mais rápidas e visíveis. A esse respeito, já nos dizia Levy (1993), há mais de uma década que:

Ora, foi esta inovação imprevisível que transformou a informática em um meio de massa para a criação, comunicação e simulação (p. 102).

Na metade da década de setenta, uma pitoresca comunidade de jovens californianos à margem do sistema inventou o computador pessoal. Os membros mais ativos deste grupo tinham o projeto mais ou menos definido de instituir novas bases para a informática e, ao mesmo tempo, revolucionar a sociedade. De certa forma, este objetivo foi atingido (p. 43).

Todos os dias surgem novidades na área da informática, além de aprender a utilizá-la precisamos estar sempre nos atualizando.

A informática parece reencenar, em algumas décadas, o destino da escrita: usada primeiro para cálculos, estatísticas, a gestão mais prosaica dos homens e das coisas, tornou-se rapidamente uma mídia de comunicação de massa, ainda mais geral, talvez, que a escrita manuscrita ou a impressão, pois também permite processar e difundir o som e a imagem enquanto tais. A informática não se contenta com a notação musical, por exemplo, ela também executa a música (LEVY, 1993, p. 118).

2 CENÁRIO EDUCACIONAL

2.1 Novas funções e novos papéis

O cenário educacional atual mostra-se consideravelmente desatualizado, descontextualizado, estagnado no tempo. Observamos que a estrutura física das escolas pouco se alterou nas últimas décadas, continuamos com salas de aula repletas de classes e cadeiras enfileiradas, onde se sentam alunos pouco entusiasmados em situação passiva, esperando atingir uma nota mínima capaz de levá-los à mudança de série e, a longo prazo, a um diploma, o que se torna o objetivo máximo de tais alunos. O cenário complementa-se com um quadro negro, em alguns casos, como maior diferença físico-estrutural, tal quadro torna-se branco, com a figura do professor a frente de seus alunos.

É certo que a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em uso moderado da impressão. Uma verdadeira integração da informática (como audiovisual) supõe portanto o abandono de um hábito antropológico mais que milenar, o que não pode ser feito em alguns anos (LEVY, 1993, p. 8-9).

Em relação às metodologias de ensino utilizadas, muitas foram “testadas” ao longo dos anos. Porém, na prática, percebemos que a maioria das escolas e professores mantêm métodos arcaicos e distantes da realidade, não despertando interesses, nem tampouco, tornando-se atrativos aos alunos. Com isso, deixam de cumprir com suas funções educadoras exigidas e esperadas pelos educandos e pela sociedade:

A escola, na sociedade atual, perdeu o papel hegemônico na transmissão e distribuição do conhecimento (LITWIN, 1997, p. 85).

Torna-se visivelmente urgente, então, que as escolas e professores busquem alternativas para motivar seus alunos a serem agentes atuantes no processo de aprendizagem.

Boruchovitch (In: SANTOS e CARREÑO, 2010) cita estudiosos do tema “motivação” que apontam a existência de, pelo menos, dois tipos de motivação: a intrínseca,

quando um indivíduo se engaja em uma atividade por iniciativa própria, porque achou a atividade interessante, prazerosa; e, a extrínseca, quando um indivíduo realiza uma atividade visando o recebimento de uma recompensa, que pode ser de natureza social ou material, ou, ainda, evidenciar habilidades.

Podemos perceber que, atualmente, em nossas escolas, os alunos estão muito mais voltados para uma educação extrínseca do que intrínseca. Ainda utilizamos metodologias e formas de avaliação onde o aluno é motivado através da nota, da recompensa, do resultado final, quando sabemos que a verdadeira aprendizagem ocorre quando o aluno se identifica, se diverte, compreende a relação que o que estuda tem com sua realidade e vivência, quando é prazeroso o processo de aprender.

É bem conhecido o papel fundamental do envolvimento pessoal do aluno no processo de aprendizagem. Quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um conhecimento, mais ela irá integrar e reter aquilo que aprender (LEVY, 1993, p. 40).

Para que essa dinâmica motivacional extrínseca possa se converter em uma de natureza intrínseca, precisamos de inovações, de transformações no ambiente escolar que atinjam todos os setores das escolas (estruturais e metodológicos). Litwin (1997, p. 85) acredita que:

Frente a esta situação, as instituições educacionais enfrentam o desafio não apenas de incorporar as novas tecnologias da informação como conteúdos do ensino, mas também reconhecer e partir das concepções que as crianças e os adolescentes têm sobre estas tecnologias para elaborar, desenvolver e avaliar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento de uma disposição reflexiva sobre os conhecimentos e os usos tecnológicos.

Moran (2000, p. 55) afirma estarmos caminhando para “formas menos centralizadas, mais flexíveis, integradas” no ensino. Ele nos dá uma visão otimista de um novo cenário educacional:

Teremos mais ambientes de pesquisa grupal e individual em cada escola; as bibliotecas convertem-se em espaços de integração de mídias, software e bancos de dados.

Os processos de comunicação tendem a ser mais participativos. A relação professor-aluno mais aberta, interativa. Haverá integração profunda entre a sociedade e a escola, entre a aprendizagem e a vida. A aula não é um espaço determinado; mas tempo e espaço contínuos de aprendizagem. (...) O importante é aprender e não impor um padrão único de ensinar (MORAN, 2000, p. 55-56).

Porém, se mudanças estruturais estão ocorrendo em nossas escolas faz-se necessário rever, também, o papel dos professores e dos alunos frente às novas exigências da sociedade.

2.2 Novas exigências do professor

Com as transformações que ocorrem na nossa sociedade e, conseqüentemente, em nossas escolas, o papel do professor precisa se adequar aos novos processos educativos e aos “novos alunos” que chegam às escolas. O professor já não pode mais agir como um transmissor de conhecimentos, nesse novo contexto ele possui diferentes funções.

Como cita Assmann (2005, p. 50), o professor precisa “abandonar práticas determinísticas e lineares”.

Para essa “nova educação” o professor precisa utilizar métodos, abordagens e estratégias diferentes das que vêm sendo utilizadas, só assim conseguirá manter a atenção e a motivação dos alunos. Nessa mesma lógica Ven e Vrakking (2009, p.108) se manifestam dizendo que “a fim de que a educação seja capaz de atender as demandas de amanhã, os professores terão de considerar sua tarefa de educar a juventude de uma nova maneira, contribuindo de maneira significativa para a sociedade”.

O professor passa a ser um “estimulador”, um “condutor de caminhos” (ASSMANN, 2005, p. 39), ele não traz a aula pronta, constrói junto com os alunos o conhecimento. Estimula a criatividade, a autonomia, a interação, a reflexão, a análise crítica, a cooperação, valoriza todas as dimensões humanas em seus alunos, auxilia. O professor na sua nova função:

... dá a direção, indica os caminhos, facilita a construção e a aquisição dos conhecimentos de uma forma simples e clara (ASSMANN, 2005, p. 41).

Este novo educador é, também, um pesquisador ativo que domina e utiliza as novas tecnologias de informação e compreende que o conhecimento não é acabado, que precisa desenvolver em seus alunos habilidades que os auxiliem a lidar com as constantes mudanças, procurando, também, desenvolver a motivação intrínseca.

Boruchovitch (In: SANTOS e CARREÑO, 2010) cita quatro estratégias para conseguir a motivação intrínseca nos alunos:

- mostrar o significado e a relevância da tarefa: as atividades devem ser significativas e ter um sentido de utilidade prática para os alunos;
- formas de dar as tarefas: as atividades devem ser bem explicadas e o grau de dificuldade deve ser moderado, devem ser possíveis de serem cumpridas em espaços curtos de tempo e devem promover a autonomia dos alunos;
- empregar embelezamentos: o professor deve utilizar diferentes recursos para apresentar as atividades e saber expressar-se, mostrar entusiasmo, acolhimento, enfim, deve estar motivado;
- reação depois das avaliações: é fundamental que o professor informe ao aluno que ele foi capaz de atingir os objetivos da tarefa, quando isso ocorre. Mas, também, precisa informar quando o aluno não conseguiu realizar todos os objetivos propostos e deve indicar meios para que o aluno possa sanar as dificuldades encontradas. O professor deve dar importância a todo o processo e não apenas ao resultado final, elogiando o aluno em cada etapa, verificando e apontando cada progresso constatado.

2.3 Novas exigências do aluno

Os adolescentes que recebemos, hoje, em nossas escolas, passam por várias transformações físicas e psicológicas (que serão descritas no terceiro capítulo), tais transformações todos adolescentes sofrem há muitos anos. Porém, os atuais se diferem em um aspecto muito importante: pertencem a uma geração que “cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância”. A esta geração, autores como Veen e Vrakking (2009) denominam “Homo Zappiens”.

Para esta geração a escola não é mais o centro de interesse, ou principal meio para obtenção de conhecimentos, mas se torna, quando muito, apenas mais um ponto de interesse, entre tantos outros.

... o Homo Zappiens é um processador ativo de informação, resolve problemas de maneira muito hábil, usando estratégias de jogo, e sabe se comunicar muito bem (VEEN e VRAKking, 2009, p. 12).

Os autores, ao longo do livro supra citado, relatam características marcantes desta nova geração. Destacamos algumas:

- controlam o fluxo de informação;
- sabem lidar com informações descontinuadas e com a sobrecarga de informações;
- mesclam comunidades virtuais e reais;
- comunicam-se e colaboram em rede, de acordo com suas necessidades;
- resolvem problemas de maneira muito hábil;
- consideram as escolas instituições que não estão conectadas ao seu mundo;
- não conseguem se concentrar em uma tarefa só;
- processam quantidades enormes de informações por meio de uma grande variedade de tecnologias e meios;
- não usam a linearidade;
- usam redes humanas e técnicas quando necessitam de respostas instantâneas, em vez de trabalharem sozinhos;
- são capazes de aumentar ou diminuir seu nível de atenção de acordo com a fonte de informação, sem silenciar inteiramente outra e mantendo um nível básico de contato com cada uma delas;
- realizam múltiplas tarefas ao mesmo tempo.

Sendo assim, fica evidente que os alunos das nossas escolas, hoje, não gostam, nem deveriam ser mais meros espectadores, copiadores, reprodutores de informações, se lhes é permitido/propiciado revelam-se seres criativos, pensadores ativos no processo de aquisição de conhecimentos e capazes de se adaptarem a novas situações.

3 ADOLESCÊNCIA NOS TEMPOS MODERNOS

3.1 Utilização das novas tecnologias pelos adolescentes

O acesso à *Internet* torna-se, a cada dia, mais fácil e barato, atingindo um contingente antes impensável de pessoas. Se, antes, o acesso se limitava a alguns adolescentes de classes mais altas, hoje, a realidade mudou e adolescentes de todas as classes sociais já utilizam a rede para comunicar-se. A rede criou novas e surpreendentes possibilidades ao indivíduo para se comunicar, estudar, jogar, educar, se relacionar e acessar informações variadas com muita agilidade.

As redes sociais que surgiram com o objetivo de reunir informações sobre pessoas, já ultrapassam essas fronteiras e, hoje, elas podem nascer nos mais variados segmentos. Já é uma realidade o uso de redes sociais para fins profissionais, nos órgãos públicos, no segmento religioso, educacional, entre outros.

Porém, nem sempre as redes sociais são utilizadas da melhor forma, portanto, elas também têm características negativas.

Alguns acreditam que o uso excessivo dos *sites* de relacionamento pode levar as pessoas a se isolarem, vivendo num mundo virtualizado, gerando, desta forma, uma condição de dependência com o mesmo. Assim, não seria exagero pensar que o uso inadequado da rede pode trazer consequências desastrosas, entre elas, a exposição exagerada da vida privada de seus usuários.

Por outro lado, podemos acompanhar diariamente diversos escândalos decorrentes do mau uso dessa ferramenta, envolvendo pessoas desinformadas, ou mal informadas, sobre o perigo que a *Internet* pode causar.

Comunicação através de uma máquina pode, muitas vezes, dar a falsa sensação de segurança, impunidade e de anonimato; as pessoas acabam ultrapassando limites, sendo conduzidas a uma perigosa exposição de sua intimidade. Numa época em que programas do

tipo *Reality Shows* como “Big Brother”, “Casa dos Artistas”, “A Fazenda” que mostram pessoas vigiadas e expostas a câmeras vinte e quatro horas por dia, batem recordes de audiência, não é de se admirar que jovens associem a exposição na rede ao sucesso.

Mas por que os adolescentes são tão vulneráveis a esta nova tecnologia?

A adolescência caracteriza-se por um período que, em termos científicos, compreende, aproximadamente, dos onze aos dezoito anos, onde ocorrem transformações muito significativas tanto na aparência física (biológico) quanto na conformação psicológica individual. A este respeito, nos diz Silva (2010, p. 134):

... durante a adolescência, o cérebro, ainda infantil, sofre uma série de mudanças químicas e estruturais para se transformar em um cérebro adulto, pronto para gerenciar nosso físico e nossa mente.

Este período pode variar, pois os adolescentes estão inseridos num meio onde os fatores biológicos, psicológicos, sociais, culturais, econômicos variam de pessoa para pessoa e influenciam na formação da personalidade.

As interações entre as diferentes dimensões cognitiva, psicológica e social do desenvolvimento característico do adolescente proporcionam o desencadeamento de um conjunto de processos comportamentais interligados entre si (SANTOS et. al. In: SANTOS e CARREÑO, 2010, p. 227).

Com todas essas mudanças ocorrendo, a adolescência torna-se uma fase de descobertas e contestações. Não é fácil para os adolescentes lidarem com tantas transformações. O comportamento rebelde, inconsequente, mal humorado, o questionamento às regras, a necessidade de pertencer a um grupo, tornam-se características desta fase.

A adolescência pressupõe riscos, aventuras, inquietações, descobertas, irresponsabilidades pontuais, insensatez, paixões, emoções exacerbadas, etc. (SILVA, 2010, p. 67).

O grupo de amigos possui um poder enorme de influência, onde o jovem procura afirmar-se. Além do grupo de amigos, os adolescentes sofrem forte influência da televisão, da música, de ídolos, propagandas, drogas, *Internet* e tudo mais que expresse a cultura jovem. Isso pode tornar a relação com a família mais distante, obrigando os pais a redobram os cuidados, prestando muita atenção no grupo com o qual seus filhos estão envolvidos. Do mesmo modo, os educadores também precisam estar atentos, aprendendo a lidar, respeitar e orientar seus alunos.

3.2 *Bullying e cyberbullying*

A palavra *bullying*, para muitos, pode soar como novidade. Porém, nos esclarece Silva (2010) a prática de tal ato existe há muitos anos. Na verdade, é um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição escolar. No entanto, somente nos últimos quarenta anos o fenômeno começou a ser discutido e estudado. O entendimento no Brasil é a que segue:

De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores (SILVA, 2010, p. 21).

Os estudantes que praticam o *bullying* (os *bullies*) não apresentam motivos ou justificativas para cometê-lo, escolhem suas vítimas entre os mais indefesos e agredem física ou psicologicamente (ou ambos), apenas pelo prazer de ver o sofrimento, a humilhação, o terror, o maltrato ao outro. Essas agressões são sempre repetitivas e acompanhadas de muita dominação, não somente sobre os agredidos, mas, também, sobre todo grupo que sente medo de denunciar o agressor ou defender o agredido.

Os alunos alvos de *bullying*, geralmente, sofrem calados e apresentam baixa autoestima. Começam a se isolar, não têm mais interesse em ir à escola e, se não identificado o problema, pode evoluir para quadros mais graves envolvendo “transtornos psíquicos e/ou comportamentos que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis” (SILVA, 2010, p. 25).

Com maior ou menor intensidade, o aluno agredido é sempre afetado pelo *bullying*, alguns conseguem transformar as agressões em motivação para outras atividades, mas são casos raros. Em geral, as consequências são sempre negativas.

Quando a sociedade começa a discutir e tentar combater o *bullying* ele se prolifera e sai dos “muros das escolas” e ingressa no mundo virtual. Assim, como muitas vezes ocorreu em nosso meio, a tecnologia é utilizada de forma insensata e desumana. Surge o que foi denominado de *cyberbullying* ou *bullying virtual*, que nada mais é do que o *bullying* praticado via *Internet*. Esta ação apresenta o diferencial de seu praticante, geralmente, não poder ser identificado, pois se esconde atrás de uma máquina produzindo difamações e humilhações que são mais rapidamente disseminadas, pelas próprias características pertencentes ao meio virtual. Nas poucas vezes em que o agressor é descoberto o “estrago” já está feito e torna-se

muito difícil a retirada dos recursos utilizados para tal ação, como o uso de imagens e textos depreciativos, da rede.

... no *ciberbullying*, de forma imediata, a criança fica exposta e vulnerável, tornando-se vítima de chacotas e humilhações, uma vez que outras crianças (e muitas pessoas) veem a mesma imagem. É como se a vítima, em frações de segundos, tivesse sofrido um número incalculável de agressões (daí a repetição) em espaço público (SILVA, 2010, p. 137).

Num cenário onde não temos normas e regras definidas sobre a utilização dos recursos tecnológicos, o *ciberbullying* encontra um campo vasto para proliferação. E, nesta modalidade, não apenas o grupo dominante pode agredir, mas o agredido enxerga a possibilidade de revidar o que torna o processo uma bola de neve, onde seu término é de difícil previsão.

Faz-se necessário, ainda, dizer que os maiores praticantes de *ciberbullying* são os adolescentes (cf. SILVA, 2010), que dominam essas tecnologias e vêm demonstrando que, quando não são bem orientados, podem utilizá-la da pior maneira possível.

4 DADOS: COLETA, ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 O contexto do estudo

O presente estudo foi realizado numa escola de educação básica da rede pública estadual, Monsenhor Leopoldo Hoff, localizada na Rua Moema, 255, bairro Chácara das Pedras, Porto Alegre. Esta escola atualmente possui quarenta e oito (48) alunos matriculados na educação infantil, setecentos e vinte e seis (726) matriculados no ensino fundamental e quatrocentos e oitenta e três (483) alunos matriculados no ensino médio, totalizando mil duzentos e cinquenta e sete (1.257) alunos.

A escola possui doze funcionários, sendo quatro trabalhando na alimentação, três na área de limpeza, três na secretaria e dois monitores.

Os professores estão divididos da seguinte forma: duas (02) professoras na educação infantil, dez (10) professores nas séries iniciais do ensino fundamental, vinte e dois (22) professores para as séries finais do ensino fundamental, trinta e seis (36) professores no ensino médio, uma (01) professora trabalhando na assessoria financeira, uma (01) professora nos recursos humanos, (02) duas professoras no serviço de orientação educacional (SOE), três (03) professoras no serviço de supervisão educacional (SSE), uma (01) auxiliar de biblioteca, uma (01) diretora e três (03) vice-diretores.

A escola possui uma área total de sete mil metros quadrados, onde estão localizadas duas quadras poliesportivas, um galpão crioulo para atividades culturais e três prédios.

No Prédio A localiza-se a biblioteca, secretaria que conta atualmente com dois computadores e duas máquinas copiadoras, sala da direção e vice-direção, sala da assessoria financeira e recursos humanos, sala dos professores, sala do SOE e SSE, cinco salas de aula, banheiros e sala de informática com dez computadores com acesso à *Internet*.

No Prédio B encontra-se o refeitório, que serve cerca de quatrocentas e cinquenta refeições diariamente, nos três turnos em que a escola funciona, almoxarifado de

limpeza e comida, seis salas de aula, banheiros, sala de vídeo equipada com DVD e VHS e laboratório de ciências.

No Prédio C localiza-se uma área coberta destinada a palestras, eventos e área para educação física, sala para guardar material de educação física e nove salas de aula.

Segundo pesquisa realizada pela Secretária de Educação do Estado na escola, no início do ano, sua clientela é composta, em média, por alunos cuja condição socioeconômica é inferior, ou seja, menor que a média estadual (cf. BROOKE e PONTES, 2009).

Foi, pois, dentro deste ambiente escolar que se inseriu o estudo a seguir relatado.

4.2 A questão norteadora

A inquietação por investigar algo relevante à realidade escolar, onde a autora desta monografia trabalha, foi uma certeza desde o início da escolha do tema deste trabalho. No decorrer do curso de especialização, a preocupação por conhecer como alunos adolescentes estavam utilizando a *Internet* e qual era sua percepção desse uso no que se refere ao perigo de uma conduta antiética através da rede foi tomando força. Como consequência, buscou-se conhecer, também, o que pensam os professores e pais destes alunos em relação a este tema. Assim, a questão norteadora para o estudo foi:

Qual é o uso da *Internet* e a percepção de situações de vulnerabilidade virtual por parte de alunos adolescentes e segundo seus pais e professores?

4.3 Os sujeitos de pesquisa

Do universo de quatrocentos e oitenta e três (483) alunos do ensino médio na escola, foram entrevistados sessenta e sete (67), provenientes do primeiro ano do ensino médio, em que a autora desta monografia leciona. Este número corresponde a 13,8% do total de alunos do ensino médio na escola.

Trinta e um (31) pais dos alunos entrevistados compuseram a categoria de familiares. Quanto à categoria de professores dos alunos entrevistados, doze (12) professores foram contatados, mas apenas dez (10) devolveram o questionário.

Em suma, os sujeitos desta pesquisa foram: sessenta e sete (67) alunos do ensino médio, trinta e um (31) pais desses alunos e dez (10) professores, também dos alunos participantes da pesquisa.

4.4 Instrumentos de coleta de dados

Para obter dados que pudessem responder à questão de pesquisa, foram elaborados três questionários com perguntas semi-abertas para os três segmentos envolvidos no estudo: alunos, pais e professores.

O questionário para os alunos foi testado com três sujeitos, visando adequar a linguagem ao público-alvo. Algumas modificações foram realizadas com base nos comentários e observações desses sujeitos. Uma vez pronto o instrumento, foi explicado aos alunos o objetivo da pesquisa e dado o espaço em aula para que pudessem responder. O questionário para os pais foi enviado através dos filhos e devolvido por eles. De sessenta e sete (67) questionários enviados, trinta e um foram devolvidos.

Junto aos professores, a coleta de dados também foi dentro do espaço escolar, entregando pessoalmente os questionários aos professores, após ter explicado à direção, aos coordenadores de área e aos próprios professores de que se tratava a pesquisa.

Foi assinado junto à direção da escola um termo de consentimento, no mesmo, a diretora permite a realização da pesquisa junto a alunos, pais e professores da instituição.

Nestes questionários foram elaboradas perguntas para:

- a) identificação dos respondentes quanto à idade, sexo, profissão (no caso dos pais) e área de atuação (no caso dos professores);
- b) conhecer o tipo e local de uso da *Internet* por parte dos adolescentes;
- c) a frequência de uso e o tipo de postagem de informações pessoais e arquivos;
- d) percepção de perigo quanto às diferentes informações e arquivos postados;

e) número de amigos virtuais e percepção de confiabilidade e veracidade em relação a esses;

f) compreensão do fenômeno *ciberbullying*; participação ou experiência de *ciberbullying* como causadores e como alvos.

4.5 Natureza e tipo de pesquisa

A abordagem da pesquisa foi quantiqualitativa, através de um estudo de caso. Optou-se pelo estudo de caso e a abordagem qualitativa por permitir aprofundar e conhecer um fenômeno de forma holística. A abordagem quantitativa complementou o estudo no sentido de permitir visualizar em termos de percentagem e frequência as respostas dos respondentes.

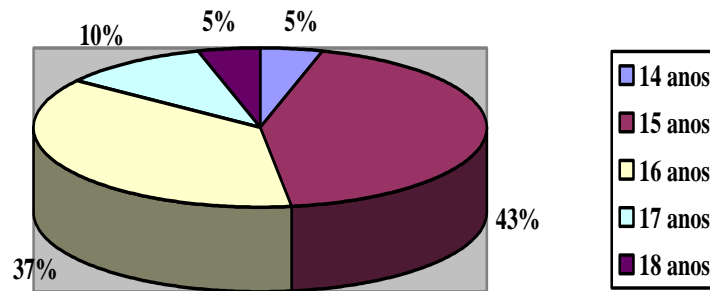
4.6 Apresentação dos dados coletados e discussão

Os dados foram analisados qualitativamente através da análise do conteúdo obtido nas respostas e quantitativamente em termos de percentuais, os quais são apresentados em gráficos e tabelas específicos e analisados descritivamente.

Os dados coletados através dos questionários destinados aos alunos (67 questionários), pais (31 questionários) e professores (10 questionários) são, a seguir, apresentados e discutidos.

Em relação à **idade** dos alunos entrevistados, constatou-se que 80,6% têm entre 15 e 16 anos, como pode ser visto no Gráfico 1.

GRÁFICO1: IDADE DOS ALUNOS



Quanto ao **acesso à Internet**, constatou-se que todos os sessenta e sete (67) **alunos** (100%) responderam ter acesso à rede e saber navegar na mesma. Também a totalidade dos **professores** (10), isto é, 100%, possuem o hábito de acessar à *Internet*. Já em relação aos **pais**, verificou-se que a maioria dos mesmos (61,0%) não tem o hábito de acessar e/ou nem ao menos sabem navegar pela rede (conforme Tabela 1).

TABELA 1: ACESSO À INTERNET PELOS PAIS

ACESSO À INTERNET	PAIS	%
Sim	12	39,0
Não	19	61,0
TOTAL	31	100,0

Para a questão sobre o **local de onde acessam a Internet**, os **alunos** entrevistados responderam, majoritariamente (67,2%), suas casas como o local preferido para tal; seguido por *lan house* (35,8%), casa de amigos (29,9%), outros lugares (6,0%) e a escola (4,5%), como podemos observar na Tabela 2¹.

¹ Respostas múltiplas, alternativas não excludentes, podendo os respondentes citar mais de um local de acesso, como foi verificado.

TABELA 2: LOCAIS DE ACESSO À *INTERNET* (ALUNOS)

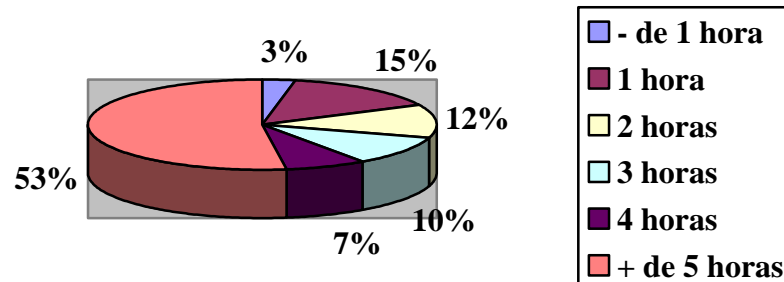
LOCAL	<i>f</i>	%
Casa	45	67,2
Lan house	24	35,8
Casa de amigos, parentes	20	29,9
Escola	3	4,5
Outros	4	6,0

Quando questionados sobre **os locais onde os filhos** (Tabela 3) **acessam à *Internet*, os pais** entrevistados responderam, em primeiro lugar, suas casas (58,0%), seguido por *lan house* (54,8%), casa de amigos (16,1%), outros lugares (9,7%) e a escola (6,5%). Isto demonstra certa coerência frente o que seus filhos expressaram.

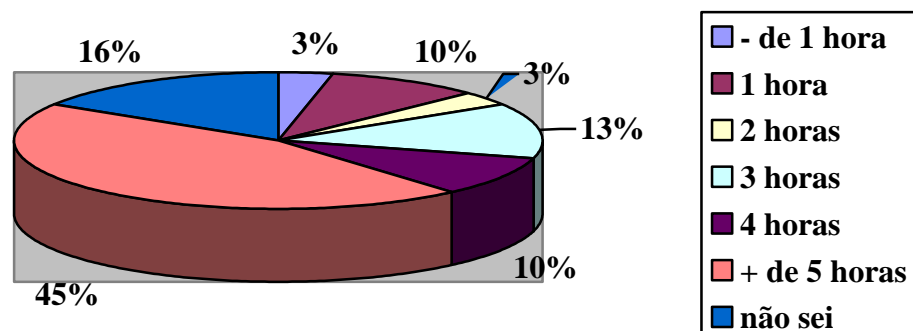
TABELA 3: LOCAIS DE ACESSO À *INTERNET* POR PARTE DOS ALUNOS (SEGUNDO OS PAIS)

LOCAL	ALUNOS	%
Casa	18	58,0
Casa de amigos, parentes	05	16,1
Lan house	17	54,8
Escola	02	6,5
Outros	03	9,7
Não sei	-	-

Pode-se perceber, conforme dados do Gráfico 2, que trinta e cinco alunos (53%) responderam fazer uso da *Internet* durante um período superior a cinco horas semanais; cinco (7,0%) afirmaram que acessam à rede quatro horas semanas; sete (10,0%), três horas; oito (12,0%), duas horas; dez (15,0%), uma hora por semana; e, dois alunos (3,0%) afirmaram que acessam à rede menos de uma hora por semana.

GRÁFICO 2: HORAS POR SEMANA DE ACESSO À *INTERNET* (ALUNOS)

O Gráfico 3 expõe a **visão dos pais em relação ao tempo que seus filhos utilizam semanalmente a *Internet***. Assim, pode-se constatar uma relativa coerência entre a percepção indicada pelos pais e aquilo que seus filhos informaram. Portanto, o maior percentual de respondentes/pais (45,0%) afirmou que seus filhos utilizam a *Internet* por um período superior a cinco horas semanais; três (10,0%) responderam que seus filhos utilizam a rede durante quatro horas semanais; quatro (13,0%), que seus filhos utilizam por três horas semanais; um (3,0%) respondeu duas horas semanais; três (10,0%), que acessam a rede por uma hora semanal; um dos pais (3,0%), menos de uma hora semanal; e, cinco pais (16,0%) não têm conhecimento do tempo que seus filhos permanecem conectados à rede.

GRÁFICO 3: HORAS POR SEMANA DE ACESSO DOS ALUNOS A *INTERNET* (SEGUNDO OS PAIS)

Em relação ao questionamento sobre os *sites*, **redes sociais ou recursos de interação on-line mais utilizados pelos alunos**, o resultado percebido foi em ordem decrescente: Orkut com um total de sessenta e cinco alunos (97,0%), seguido pelo MSN com sessenta e dois alunos (92,5%) e You Tube, utilizado por cinquenta e um alunos (76,1%). Os demais *sites* (Facebook, Twitter, Twitcam e outros) perfizeram um total de quarenta e sete respostas (70,1%), como pode ser visualizado na Tabela 4².

TABELA 4: *SITES* ACESSADOS PELOS ALUNOS

<i>SITES</i>	ALUNOS	%
Orkut	65	97,0
MSN	62	92,5
You Tube	51	76,1
Twitter	17	25,4
Outros	16	23,9
Facebook	10	14,9
Twitcam	04	6,0

O resultado do mesmo questionamento feito aos **pais em relação a seus filhos**, indicou coerência frente o que foi respondido pelos alunos. Ou seja, observou-se um conhecimento relativamente preciso por parte dos pais sobre os *sites* mais utilizados por seus filhos, com pequenas variações percentuais. E, apenas um dos pais questionados informou não ter conhecimento de tal informação. Estes dados podem ser verificados na Tabela 5³.

TABELA 5: *SITES* ACESSADOS PELOS ALUNOS (SEGUNDO OS PAIS)

<i>SITES</i>	ALUNOS	%
Orkut	30	96,8
MSN	23	74,2
You Tube	17	54,8
Twitter	11	35,5
Facebook	04	12,9
Outros	03	9,7
Nenhum	03	9,7
Twitcam	01	3,22
Não sei	01	3,22

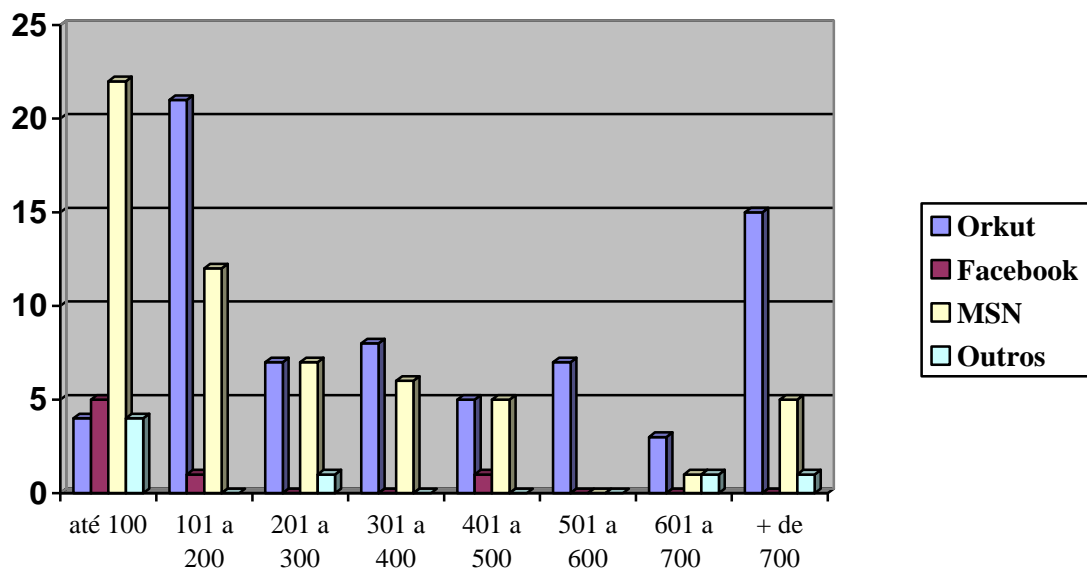
² Respostas múltiplas, alternativas não excludentes, podendo os respondentes citar mais de um *site* acessado.

³ Respostas múltiplas, alternativas não excludentes, podendo os respondentes citar mais de um *site* acessado pelos seus filhos.

O Gráfico 4⁴ refere o **número de amigos virtuais em cada comunidade virtual ou recurso de interação *on-line* que os alunos** acessam ou utilizam. Como dados mais relevantes, pode ser citado que, em relação ao Orkut, a maioria dos alunos, num total de vinte e um, possui entre 101 e 200 amigos; outro número expressivo de alunos (quinze) possui mais de setecentos amigos no Orkut. Já, quanto ao MSN, a resposta mais presente (vinte e dois alunos) refere o contato de um a cem amigos; enquanto doze alunos responderam se relacionar com um número que varia de cento e um a duzentos amigos. O Facebook e outros *sites* de relacionamento não chegaram a apresentar um número muito significativo de utilização, totalizando treze alunos como participantes dos mesmos, sendo que a maioria destes alunos (nove) possui no máximo cem amigos virtuais no Facebook e em outros *sites* também citados.

Chama a atenção o número expressivo de amigos virtuais que os alunos dizem possuir, principalmente no *site* Orkut, onde quinze alunos afirmam possuir mais de setecentos amigos.

GRÁFICO 4: NÚMERO DE AMIGOS VIRTUAIS QUE OS ALUNOS TEM EM CADA COMUNIDADE OU RECURSO DE INTERAÇÃO *ON-LINE*

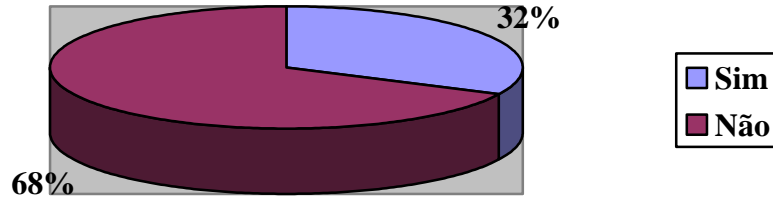


A pesquisa averiguou, também, o **conhecimento por parte dos pais sobre o número de amigos virtuais que seus filhos** possuem em *sites* de relacionamentos ou recurso de interação *on-line*. Através das respostas fornecidas, foi possível perceber que um número

⁴ Respostas múltiplas, alternativas não excludentes, podendo os respondentes citar diferentes números de amigos em cada um dos *sites* que utilizam.

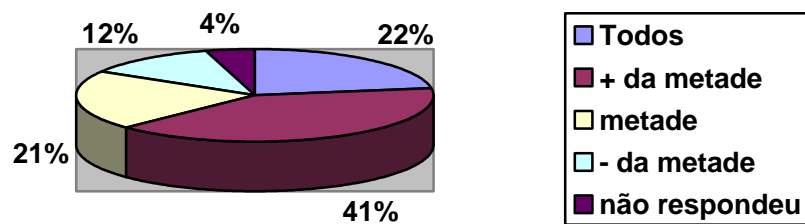
significativo de pais entrevistados (vinte e um), perfazendo um percentual de 68,0%, afirmaram não ter conhecimento sobre este dado (conforme Gráfico 5).

GRÁFICO 5: CONHECIMENTO POR PARTE DOS PAIS DA QUANTIDADE DE AMIGOS VIRTUAIS DE SEUS FILHOS EM CADA COMUNIDADE ACESSADA



Em relação à quantidade de **amigos virtuais que os alunos conhecem pessoalmente**, foi possível constatar que o maior percentual dos respondentes na categoria alunos 41,0% (vinte e sete) diz conhecer pessoalmente mais da metade de seus amigos virtuais; 22,0% deles (quinze) dizem conhecer todos seus amigos virtuais pessoalmente; seguido de 21% (quatorze) que conhecem aproximadamente a metade; oito alunos (12,0%) conhecem menos da metade de seus amigos virtuais pessoalmente; e, três alunos (4,0%) não responderam à questão. Estes dados podem ser visualizados no Gráfico 6, abaixo.

GRÁFICO 6: AMIGOS VIRTUAIS QUE CONHECEM PESSOALMENTE



A coleta de dados buscou verificar a percepção **que os alunos e seus pais possuem sobre a confiabilidade dos dados propagados através das redes de relacionamento.**

A partir desta questão, pôde-se verificar que vinte e quatro alunos (35,8%) acreditam que cerca da metade das informações expostas na rede merecem ser tratadas como verdades, enquanto apenas um dos pais/mães (3,2%) percebe da mesma forma, esta alternativa foi a que apresentou a maior discrepância entre pais e filhos; vinte alunos (30,0%) responderam que mais da metade das informações podem ser consideradas verdadeiras, enquanto sete pais (22,6%) afirmaram a mesma coisa; quinze alunos (22,4%) indicam que menos da metade das informações são confiáveis e sete pais (22,6%) deram a mesma resposta; sete alunos (10,4%) creem que tudo aquilo que é divulgado na rede de relacionamentos deve ser visto como verdadeiro, enquanto apenas um dos pais/mães (3,2%) percebe da mesma forma; a maior parte dos pais, um total de quinze (48,4%), informou não saber responder a esta pergunta (Tabela 6). Cabe ressaltar, nesta questão, o grande número de pais, quinze (48,4%), que não souberam responder a questão, mostrando certa falta de informação a respeito das informações que são propagadas na *Internet*.

TABELA 6: CONFIABILIDADE DAS INFORMAÇÕES PROPAGADAS NAS REDES DE RELACIONAMENTO

QUANTIDADE DE INFORMAÇÕES CONFIÁVEIS NA REDE	ALUNOS	%	PAIS	%
Tudo	7	10,4	01	3,2
Mais da metade	20	30,0	07	22,6
Metade	24	35,8	01	3,2
Menos da metade	15	22,4	07	22,6
Não respondeu	01	1,4	15	48,4
TOTAL	67	100,0	31	100,0

Em outra pergunta, questionou-se aos alunos se se reconheciam, eles mesmos, como **pessoas populares no meio virtual** e solicitava-se uma justificativa para sua resposta (Gráfico 7).

Os alunos que responderam ser popular na *Internet* totalizaram 11% e apresentaram as seguintes justificativas: “Sou popular porque...”:

- *Conheço muitas pessoas, tenho vários tipos de amigos, sou muito conhecido virtualmente.*
- *Pois fico muitas horas on line.*
- *Sou sincero no mundo virtual.*
- *Todos conversam comigo.*

Os alunos que responderam “sou mais ou menos popular”, formaram a grande maioria (81,0%), justificando suas respostas da seguinte forma:

- *Tenho muitos amigos e todos falam comigo.*
- *Tenho contato de todos os lugares.*
- *Não mexo muito na Internet.*
- *Porque recebo muitos visitantes no Orkut.*
- *Converso e me dou bem com as pessoas.*
- *Gosto de fazer novos amigos e sou bem conhecido(a).*
- *Só tenho 200 amigos no Orkut.*
- *Não fico muito tempo na Internet e não tenho muitos amigos nos sites de relacionamento.*
- *Tenho muitos amigos, sempre que acesso a Internet tem alguém me chamando.*
- *Todos me conhecem.*
- *Porque com algumas pessoas me relaciono mais do que outras.*
- *Porque existem pessoas mais populares que eu.*

De forma geral, chama a atenção o grande número de amigos virtuais (Gráfico 4). No entanto, é interessante notar que para um(a) aluno(a) que possui 200 amigos no Orkut este número é considerado pouco, isto pode ser percebido pela sua expressão “*Só tenho...*”.

Aqueles alunos que responderam “sou mais popular que presencialmente” representam 8,0% do total pesquisado e justificaram suas respostas escrevendo:

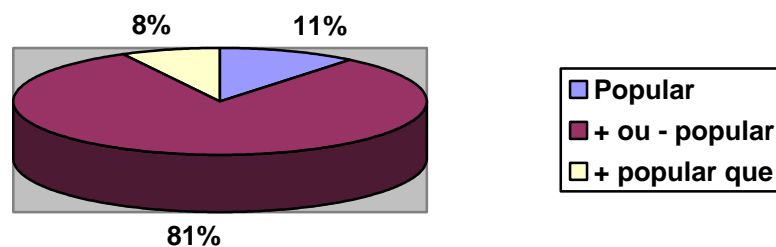
- *Porque tenho muitos amigos no Orkut.*
- *Pessoalmente poucos sabem quem sou, mas na Internet tenho mais contatos, me conhecem mais.*
- *Porque pessoalmente sou mais envergonhado(a).*

A maioria dos alunos (81%) respondeu ser mais ou menos popular na rede, porém, ao se ler suas justificativas, fica a dúvida se, no dia a dia, esses alunos possuem tantos amigos quanto dizem ter nos *sites* de relacionamento? Uma das justificativas para não serem tão populares seria o pouco tempo que dedicam à *Internet*, porém, pode ser lembrado que esses mesmos alunos (53%) afirmam ficar mais de 5 horas semanais conectados à rede.

Refletindo sobre o que nos diz a teoria especificamente sobre o perigo das pessoas ficarem tão dependentes do “virtual” a ponto da esfera social presencial ficar

empobrecida ou inexistente, os dados junto ao grupo pesquisado de adolescentes sugerem que estes continuam tendo uma vida social presencial, pois 81% considera ser mais popular nessa esfera. Não estariam os adolescentes utilizando as redes sociais virtuais, ao menos parcialmente, como extensão de sua rede social presencial? Isto é, os recursos de interação *on-line* e *sites* de comunidades virtuais não seriam usados também, ao menos em parte, para continuar a conversa com seus amigos (presenciais)?

GRÁFICO 7: POPULARIDADE NA *INTERNET*



Quando questionados sobre quais **itens costumam publicar na rede**, a quase totalidade (92,5%) dos alunos pesquisados informou que publica fotos; 53,7% publicam sua data de nascimento; 34,3% publicam vídeos; 11,9% publicam o número do telefone; e, apenas 4,5% informaram que publicam seus endereços.

Ao analisar estas respostas, fica evidente que os alunos estão preocupados e conscientes do perigo da publicação de dados pessoais como seus endereços e telefone. Porém, a grande maioria não está preocupada com a publicação de fotos, ignorando que as mesmas podem ser usadas por pedófilos ou serem alvo de montagens numa possível tentativa de *ciberbullying*.

A mesma pergunta foi realizada para **os pais**, que deveriam dizer quais **os itens que acreditam que seus filhos publicam na rede**. Destes, 58,0% disseram que seus filhos publicam fotos; 35,5% que publicam a data de nascimento; 29,0%, vídeos; 3,22% acham que seus filhos publicam o endereço; e, a mesma porcentagem (3,22%) referiu o telefone; a por-

centagem dos pais que não soube responder à questão foi de 16,1%. Estes dados estão expressos na Tabela 7⁵, abaixo.

TABELA 7: ITENS PUBLICADOS NA *INTERNET*

ITENS PUBLICADOS	ALUNOS	%	PAIS	%
Fotos	62	92,5	18	58,0
Vídeos	23	34,3	09	29,0
Endereço	3	4,5	01	3,22
Telefone	8	11,9	01	3,22
Data nascimento	36	53,7	11	35,5
Não sei	-	-	05	16,1

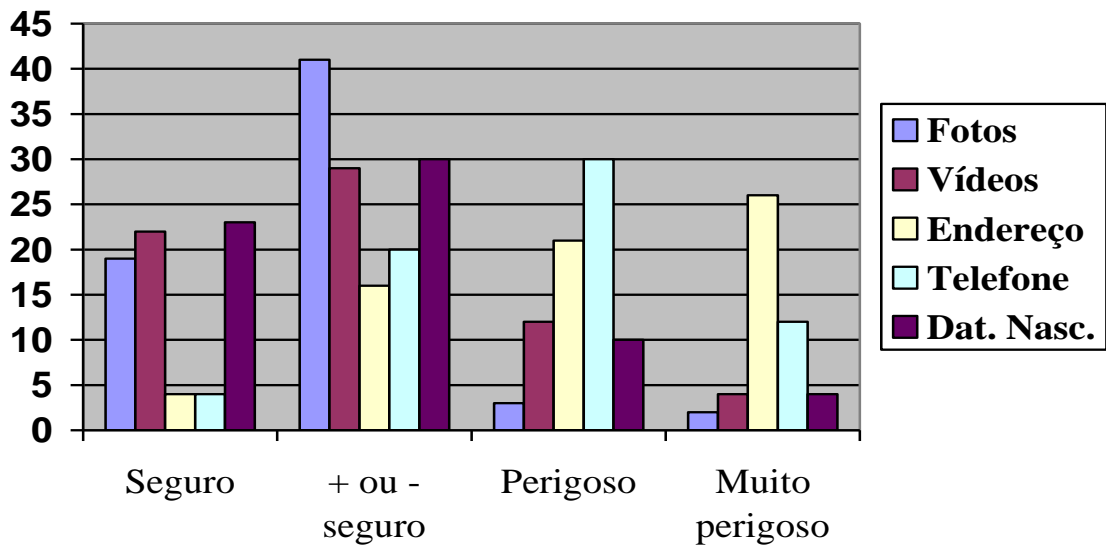
Podemos observar no Gráfico 8, os itens que os alunos e pais manifestaram acreditar serem seguros, ou não, publicar na rede.

A maioria dos alunos, um total de quarenta e um (61,2%), acha mais ou menos seguro a publicação de fotos na rede; vinte e nove (43,3%) consideram mais ou menos seguro a publicação de vídeos; quanto à publicação de seus endereços, vinte e seis alunos (38,8%) expressaram ser muito perigoso; trinta (44,8%) disseram ser perigoso a publicação do número do telefone; e, por fim, quanto ao item “data de nascimento”, trinta alunos (44,8%) acham mais ou menos seguro sua publicação.

Podemos perceber certa coerência entre os itens publicados pelos alunos e o perigo que eles acreditam que cada item representa, sinalizando uma coerência entre percepção de situação de perigo e ação preventiva.

⁵ Respostas múltiplas, alternativas não excludentes, podendo os respondentes citar os diferentes itens que costumam ser publicados na *Internet*.

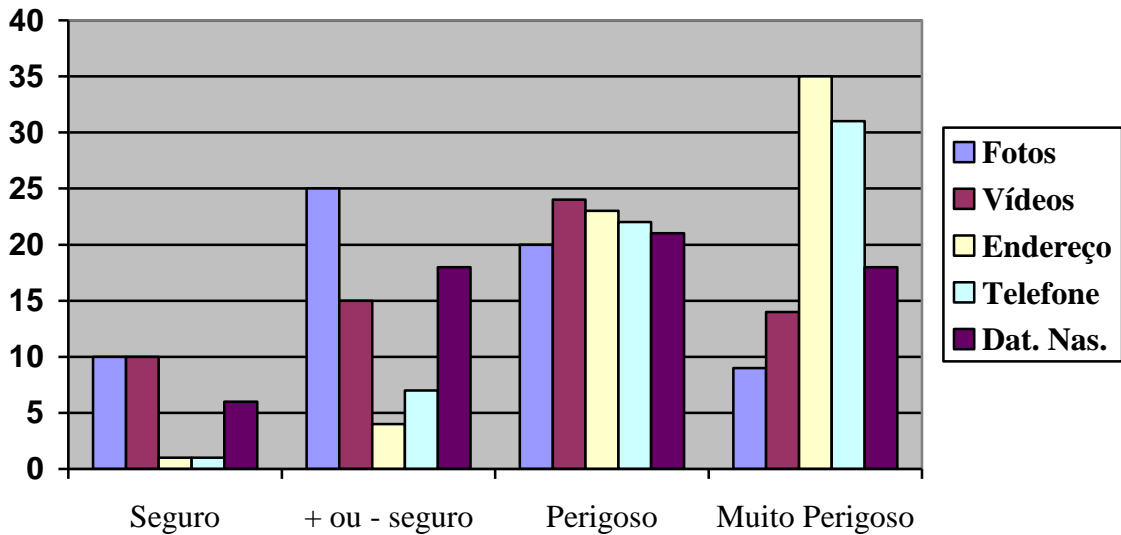
GRÁFICO 8: SEGURANÇA NA PUBLICAÇÃO, SEGUNDO OS ALUNOS



O Gráfico 9 refere-se à mesma questão anterior, porém os alunos respondiam sobre o que acham que seus pais pensam.

A maioria dos alunos, vinte e cinco (37,4%), manifestou que seus pais responderiam ser mais ou menos segura a publicação de fotos na rede; vinte e quatro (35,8%) responderam que seus pais diriam ser perigoso a publicação de vídeos; em relação ao endereço, trinta e cinco alunos (52,2%) acreditam que seus pais consideram ser muito perigoso sua publicação; trinta e um (46,3%) imaginam que seus pais consideram muito perigoso a publicação do telefone; e, em relação à “data de nascimento”, vinte e um alunos (31,3%) responderam que seus pais consideram perigoso sua publicação.

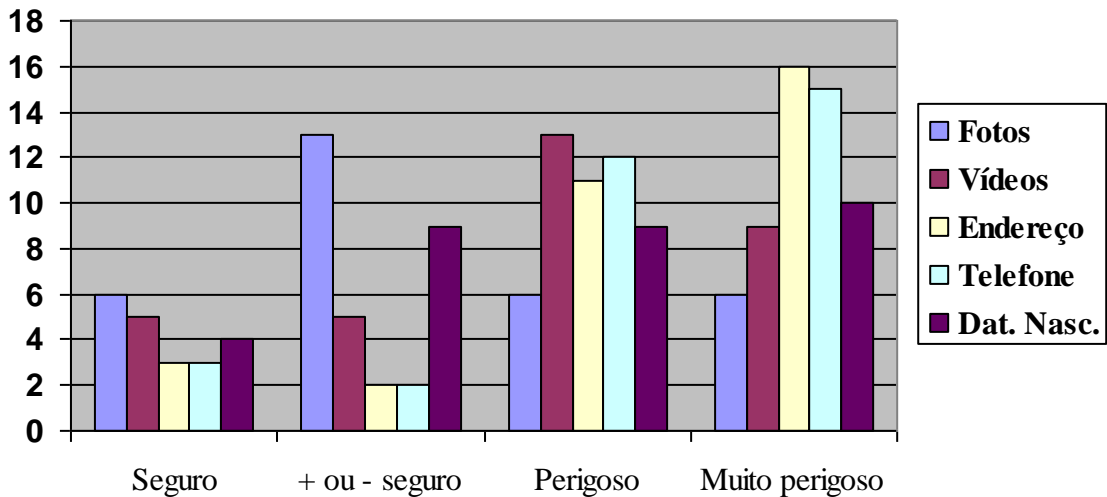
GRÁFICO 9: SEGURANÇA NA PUBLICAÇÃO (RESPOSTAS DOS ALUNOS SOBRE O QUE PENSAM SEUS PAIS)



Em relação à **segurança na publicação de informações pessoais**, foi indagado **aos pais** sobre suas impressões a respeito desta questão (Gráfico 10).

A maioria deles, treze (41,9%), acha ser mais ou menos seguro a publicação de fotos na rede; o mesmo número considera perigoso a publicação de vídeos; quanto à publicação do endereço, dezesseis pais (51,6%) acham ser muito perigoso; quinze (48,3%) acreditam ser muito perigoso a publicação do número do telefone; e, dez pais (32,3%) responderam ser muito perigoso a publicação da data de nascimento.

GRÁFICO 10: SEGURANÇA NA PUBLICAÇÃO (SEGUNDO OS PAIS)



Relacionando os dados verificados em relação à **segurança da publicação de informações pessoais na Internet**, pôde-se perceber que, em geral, os alunos acreditam em um perigo menor que seus pais, pois, em todos os itens citados, os pais manifestaram uma percepção mais claramente associada à ideia do perigo. Entretanto, pode-se verificar que os alunos têm uma noção quase exata sobre a percepção de seus pais quanto ao perigo de publicar dados pessoais na *Internet*.

Quanto ao acesso de algum *site* não recomendado para sua idade: 43,0% dos alunos responderam já terem acessado; enquanto 57,0% responderam negativamente (ver Gráfico 11). Em caso de resposta afirmativa, deveriam citar os *sites* visitados e/ou tipo a que pertenciam tais *sites*. Para os pais, a questão referiu o conhecimento deles sobre se seus filhos já teriam acessado algum *site* de conteúdo não recomendado para a idade (Gráfico 12): 94,0% dos pais não têm conhecimento desta informação e apenas 6,0% disseram saber que seus filhos já acessaram *sites* não recomendados. Isso demonstra a falta de conhecimento dos pais sobre esta questão.

GRÁFICO 11: ACESSO A CONTEÚDOS NÃO RECOMENDADOS (ALUNOS)

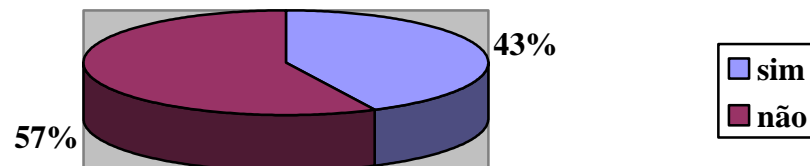
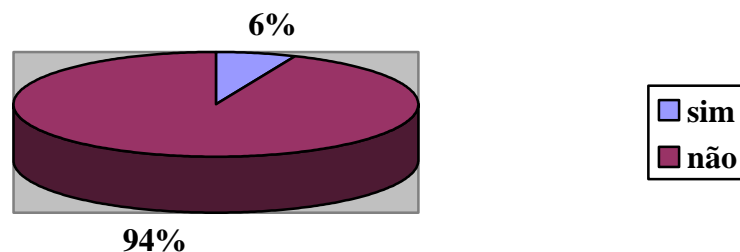


GRÁFICO 12: CONHECIMENTO SOBRE CONTEÚDOS NÃO RECOMENDADOS ACESSADOS PELOS FILHOS



Sites não recomendados acessados e citados pelos alunos:

- Os mais citados foram: pornografia, vídeos safados, *Red Tube*, *sites* com violência, *assustador.com*, *Pornotube*, *Playboy*, *XXX*, *Orkut* e não lembravam o *site*.
- Foram citados apenas uma vez: página de *sex shop*; fotos de mulheres nuas; *sexfree*; fotos e vídeos bizarros; *Hentai*.

Quando indagados sobre o fato de **sentirem medo ao acessar a Internet**, cinquenta e dois alunos (78,0%) manifestaram que nunca sentiram nenhum tipo de medo ao acessar a rede. Para os pais foi perguntado se sentem medo quando seu filho acessa a rede e, diferentemente dos alunos, dezessete pais (55,0%) expressaram algum medo, enquanto quatorze (45,0%) nunca sentiram nenhum temor (Tabela 8).

TABELA 8: SENSACÃO DE MEDO AO ACESSAR A *INTERNET*

SENTIU MEDO AO ACESSAR <i>INTERNET</i>	ALUNOS	%	PAIS	%
Sim	15	22,0	17	55,0
Não	52	78,0	14	45,0
TOTAL	67	100,0	31	100,0

Quando solicitados a justificar o **motivo do medo** que sentem ao acessar a *Internet*, os 15 alunos (22,0%) que manifestaram algum temor citaram os seguintes motivos/situações:

- *que algo aconteça com meus perfis;*
- *de ser hackeado;*
- *de colocar meu número de celular ou quando me pedem o mesmo;*
- *quando pessoas estranhas me adicionam;*
- *que façam algo com minhas fotos ou com minhas informações;*
- *quando me ameaçam;*
- *quando roubaram a senha do meu Orkut e enviam para os outros mensagens como se fosse eu;*
- *quando me ameaçam no Orkut;*
- *quando alguém que aceitei no MSN escreve muitas besteiras;*
- *que façam montagens com minhas fotos;*
- *que me persigam através de fotos;*
- *de vírus;*

- *quando pedem meu endereço.*

Quanto ao que **motiva o medo dos pais** em relação ao acesso à *Internet* por seus filhos, as respostas foram:

- *pedofilia (6 pais, 19,3%);*
- *marcar encontros (5 pais, 16,1%);*
- *porque não sei quem está do outro lado da rede (1 pai, 3,2%);*
- *trocias de endereço (1 pai, 3,2%);*
- *pessoas mal intencionadas (1 pai, 3,2%);*
- *por causa da violência (1 pai, 3,2%);*
- *ciberbullying (1 pai, 3,2%);*
- *conversas com pessoas desconhecidas (1 pai, 3,2%);*
- *porque não vejo o que estão acessando (1 pai, 3,2%);*
- *porque a Internet é um espaço aberto (1 pai, 3,2%).*

Dos pais que não expressaram medo com o acesso à *Internet* por parte de seus filhos, apenas dois justificaram o porquê da não preocupação, e suas justificativas foram:

- *porque explico bem o que é perigoso e o computador fica na sala de minha casa;*
- *porque meu filho acessa a Internet somente quando estou presente e observo seu comportamento.*

Quando os adolescentes (alunos) foram questionados sobre se **seus pais controlam os conteúdos acessados na Internet**, 51% dos alunos entrevistados afirmaram que não; 40% disseram “às vezes”; e, 9,0% que seus pais sempre controlam os acessos. Os pais foram questionados se controlam os acessos de seus filhos: 45,0% dos mesmos afirmaram que, às vezes, controlam; 39,0% disseram nunca controlar; e, 16,0% afirmaram que sempre controlam. Esses dados demonstram coerência entre os dois grupos e mostra que o controle de acesso à *Internet* pelos responsáveis é relativamente baixo. Os dados podem ser verificados na Tabela 9, abaixo:

TABELA 9: CONTROLE DE ACESSOS

CONTROLE DE ACESSOS PELOS PAIS	ALUNOS	%	PAIS	%
Sempre	06	9,0	05	16,0
Às vezes	27	40,0	14	45,0
Nunca	34	51,0	12	39,0
TOTAL	67	100,0	31	100,0

Foi perguntado aos pais e professores se acham que adultos sabem **identificar situações de perigo na Internet** melhor que crianças e adolescentes. As respostas foram muito parecidas: 87,0% dos pais e 90,0% dos professores acreditam que sim. Como podemos verificar na Tabela abaixo.

TABELA 10: ADULTOS IDENTIFICAM PERIGO NA REDE MELHOR QUE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

ADULTOS SABEM IDENTIFICAR PERIGOS MELHOR QUE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	PAIS	%	PROFESSORES	%
Sim	27	87,0	09	90,0
Não	04	13,0	01	10,0
TOTAL	31	100,0	10	100,0

Também foi questionado **aos pais se costumam orientar seus filhos sobre os perigos na Internet**: vinte e dois pais (71,0%) responderam afirmativamente. Aos professores foi feita a mesma pergunta, ou seja, se costumam orientar seus alunos sobre os perigos da *Internet*: seis professores (60,0%) responderam que sim e quatro responderam negativamente. As respostas podem ser verificadas na Tabela 11.

TABELA 11: VOCÊ COSTUMA DAR ORIENTAÇÕES SOBRE OS PERIGOS NA INTERNET

ORIENTAÇÕES SOBRE O USO DA INTERNET	PAIS	%	PROFESSORES	%
Sim	22	71,0	06	60,0
Não	09	29,0	04	40,0
TOTAL	31	100,0	10	100,0

Questionados sobre **que tipo de orientações a respeito dos perigos da Internet os pais forneciam aos seus filhos**, as respostas foram:

- não acessar sites desconhecidos (4 pais, 12,9%);
- não informar dados pessoais (4 pais, 12,9%);
- não conversar com pessoas estranhas (3 pais, 9,7%);
- não marcar encontro com pessoas desconhecidas (3 pais, 9,7%);
- não adicionar pessoas estranhas (2 pais, 6,5%);
- não acessar sites não recomendados para sua idade (2 pais, 6,5%);
- todos os tipos de orientação (2 pais, 6,5%);

- *não cair na conversa de pessoas mal intencionadas (3,2%);*
- *cuidar com o que acessa (3,2%);*
- *não falar da vida pessoal (3,2%);*
- *não mostrar sua imagem (3,2%);*
- *alertam sobre pedofilia, sequestro e chantagens (3,2%);*
- *conversam sobre crimes na Internet (3,2%).*

As **orientações aos alunos citadas pelos professores** foram:

- *cuidado com o uso inadequado dos dados (montagens com fotos e obtenção de dados);*
- *indicação de sites confiáveis (exemplo: os que acabam com “org”);*
- *orientação para o não uso da Wikipédia como referência;*
- *não dar informações para desconhecidos (cuidado com seus dados pessoais);*
- *alerta sobre o acesso não condizente com a idade.*

Ao observarmos as orientações que pais e professores fazem aos adolescentes, nota-se que as mesmas referem-se aos mesmos perigos, porém a fala dos pais parece mais vaga, superficial, enquanto as orientações dos professores são mais precisas.

Apesar de ambos responsáveis darem orientações aos adolescentes percebe-se que quanto a acessar *sites* não adequados à idade dos mesmos, estas orientações não são levadas em consideração pelos adolescentes, uma vez que 43% destes admitem já terem acessado *sites* proibidos para menores. Isto quer dizer que mesmo sabendo dos perigos que estes *sites* podem trazer, os adolescentes acabam “quebrando regras”, característica dessa fase, arriscando-se no mundo virtual.

Por outro lado, podemos observar que orientações como não divulgar endereço e telefone são consideradas e respeitadas pelos adolescentes pesquisados, uma vez que a grande maioria não divulga esses dados na rede e considera sua publicação perigosa.

Os professores foram questionados sobre **quem deve se responsabilizar pelas orientações às crianças e aos adolescentes sobre os perigos da Internet**: “a família” foi citada por todos os professores respondentes (10); “a escola” foi referida quatro vezes; “o governo” foi citado apenas uma vez; e, “a mídia” também foi referida uma vez. Deve-se alertar

para o fato de que enquanto pergunta aberta, as respostas poderiam citar diferentes responsáveis.

Percebeu-se na etapa de análise de dados coletados, que se deixou de incluir a mesma pergunta no questionário para os pais, perdendo-se, assim, a possibilidade de comparar o que os professores e os pais pensam em relação a quem cabe a responsabilidade por orientar as crianças e os adolescentes sobre os perigos na *Internet*.

Quanto ao **conhecimento sobre o que é *ciberbullying***, a maior parte dos **alunos** entrevistados (76,0%) afirmou saber o que é. A mesma pergunta foi realizada aos pais e professores: 42,0% dos **pais** sabem o que é *ciberbullying* (58,0% desconhecem o fenômeno); já, quanto aos **professores**, 90,0% dos mesmos têm conhecimento sobre tal fenômeno (Tabela 12).

TABELA 12: CONHECIMENTO SOBRE *CIBERBULLYING*

CONHECIMENTO SOBRE <i>CIBERBULLYING</i>	ALUNOS	%	PAIS	%	PROFESSORES	%
Sim	51	76,0	13	42,0	09	90,0
Não	16	24,0	18	58,0	01	10,0
TOTAL	67	100,0	31	100,0	10	100,0

Na tentativa de verificar o real conhecimento dos alunos a respeito do *ciberbullying*, solicitou-se, quando afirmassem conhecer o conceito, expressassem seu entendimento sobre o fenômeno. As repostas foram: *é bullying na Internet* (13 alunos); ofensas pela *Internet* que constroem a vítima (4 alunos); agressões pela *Internet* (4 alunos); discriminação virtual (3 alunos); quando uma pessoa é agredida e não tem meios para se defender (3 alunos); agressões psicológicas (2 alunos); violência praticada constantemente com jovens via *Internet*; quando alguém provoca, ameaça, xinga, difama, agressões realizadas através da *Internet*.

Através dessas descrições podemos observar que a maioria dos alunos que respondeu conhecer o que é *ciberbullying* realmente o sabem. Isto é, o entendimento dos alunos sobre *ciberbullying* vai ao encontro do que é discutido no referencial teórico deste trabalho: "Surge o que foi denominado de *ciberbullying* ou *bullying virtual*, que nada mais é do que o *bullying* praticado via *Internet*".

Quando indagados sobre se já haviam sido vítimas de *ciberbullying*, cinquenta e nove alunos (88,0%) responderam de forma negativa, como se observa na Tabela 13, abaixo.

TABELA 13: VOCÊ JÁ FOI ALVO DE *CIBERBULLYING*

VOCÊ JÁ FOI ALVO DE <i>CIBERBULLYING</i>	ALUNOS	%
Sim	08	12,0
Não	59	88,0
TOTAL	67	100,0

Sendo a resposta afirmativa, os alunos deveriam descrever o episódio. Os oito alunos (12,0%) que responderam terem sido alvo de *ciberbullying* descreveram o fato da seguinte forma:

- *fui alvo de um grupo rival ao meu time de futebol;*
- *pegaram fotos no meu Orkut, mandaram recados “bagaceiros” me chamando de “um monte de coisas”;*
- *sou chamada de gorda, me colocam apelidos, me xingam;*
- *todos faziam brincadeiras de mau gosto e me evitavam, troquei de escola e superei;*
- *foi tudo brincadeira;*
- *me chamam de “perna torta”;*
- *um garoto me chamou de negra suja, fiquei muito ofendida.*

Aos pais e professores foi questionado se têm conhecimento que seus filhos ou alunos já foram alvo de *ciberbullying*. Apenas um pai e um professor demonstraram tal conhecimento, como pode ser observado na Tabela 14.

TABELA 14 VOCÊ SABE SE SEU FILHO/ALUNO JÁ FOI ALVO DE *CIBERBULLYING*

ALVO DE <i>CIBERBULLYING</i>	PAIS	%	PROFESSORES	%
Sim	01	3,0	01	10,0
Não	30	97,0	09	90,0
TOTAL	31	100,0	10	100,0

Quando indagados sobre se conhecem alguém **que já tenha cometido *ciberbullying***, quarenta e dois (63,0%) **alunos** entrevistados responderam que não. Quando questionados sobre se conhecem alguém que já tenha sido alvo de *ciberbullying*, do total de sessenta e sete alunos entrevistados, vinte e nove (43,0%) responderam afirmativamente; e

outros trinta e oito (57,0%) desconhecem alguém que tenha sofrido tal situação (conforme Tabelas 15 e 16). Os altos percentuais sobre conhecer alguém que tenha cometido ou tenham sido alvo de *ciberbullying*, deixa transparecer que, de fato, ocorre de forma corriqueira e que as crianças e adolescentes estão expostos a ele.

TABELA 15: CONHECIMENTO DE ALGUÉM QUE TENHA COMETIDO *CIBERBULLYING*

CONHECE ALGUÉM QUE TENHA COMETIDO <i>CIBERBULLYING</i>	ALUNOS	%
Sim	25	37,0
Não	42	63,0
TOTAL	67	100,0

TABELA 16: CONHECIMENTO DE ALGUÉM QUE TENHA SIDO ALVO DE *CIBERBULLYING*

CONHECE ALGUÉM QUE TENHA SIDO ALVO DE <i>CIBERBULLYING</i>	ALUNOS	%
Sim	29	43,0
Não	38	57,0
TOTAL	67	100,0

A pesquisa também buscou investigar se, caso os adolescentes se sentissem ameaçados através da *Internet*, se os alunos **consultariam seus pais**. Quarenta e dois alunos (63,0%) responderam que sim; dezessete (25,0%) disseram que “talvez” o fizessem; e, oito (12,0%) nunca o fariam. Conforme pode ser verificado na Tabela 17, abaixo.

TABELA 17: CONSULTA AOS PAIS EM CASO DE AMEAÇA VIRTUAL

CONSULTARIA OS PAIS	ALUNOS	%
Sempre	42	63,0
Talvez	17	25,0
Nunca	8	12,0
TOTAL	67	100,0

Quando perguntado aos **pais se acreditam que seus filhos os consultariam** em caso de sentirem medo ou ameaça via *Internet*: dezenove pais (61,0%) afirmaram que sim; sete (23,0%) responderam que talvez eles os consultassem; um (3,0%) respondeu que nunca o fariam; e, quatro (13,0%) escreveram não saber a resposta (ver Tabela 18). A partir destes da-

dos, é possível dizer que, nesta questão, os pais conhecem as atitudes de seus filhos, uma vez que os dados são similares.

TABELA 18: SEU FILHO O CONSULTARIA

SEU FILHO O CONSULTARIA	PAIS	%
Sempre	19	61,0
Talvez	07	23,0
Não sei	04	13,0
Nunca	01	3,0
TOTAL	31	100,0

Quando **questionados se consultariam um professor em caso de ameaça na Internet**: 52,0% dos alunos responderam que não. Aos professores foi questionado se acham que seus alunos os procurariam em caso de medo ou ameaça na *Internet*: 70,0% desses acreditam que talvez os alunos os consultassem e 30,0% não souberam responder (ver Tabelas 19 e 20). Nesta questão fica evidente que os alunos confiam mais em seus pais para recorrer em eventuais problemas com a *Internet* e os professores têm esse conhecimento.

Ao compararmos as respostas dos alunos e professores percebemos que os professores não conhecem o comportamento de seus alunos e talvez não tenham a confiança dos mesmos para serem consultados em relação a sofrerem *ciberbullying*, pois apenas 33% dos alunos procuraria um professor nestes casos, enquanto que 70% dos professores acha que seus alunos os procurariam.

TABELA 19: CONSULTARIA ALGUM PROFESSOR EM CASO DE AMEAÇA VIRTUAL

CONSULTARIA ALGUM PROFESSOR	ALUNOS	%
Sim	22	33,0
Não	34	52,0
Nunca	10	15,0
TOTAL	67	100,0

TABELA 20: SEUS ALUNOS O CONSULTARIAM

SEUS ALUNOS O CONSULTARIA	PROFESSORES	%
Sempre	-	-
Talvez	07	70,0
Nunca	-	-
Não Sei	03	30,0
TOTAL	10	100,0

Ao final do instrumento de pesquisa foi deixado um espaço para observações. Alguns poucos **alunos** preencheram esta área. Entre seus comentários, pode ser citado:

- *não mexo muito na Internet;*
- *adorei a pesquisa;*
- *não falaria com meus pais e professores pois acho constrangedor, por isso eu mesmo tentaria resolver;*
- *gostei do questionário;*
- *interessante a pesquisa, é bom comentar sobre esses assuntos para conhecer mais sobre eles;*
- *achei bom responder isso, interessante porque podemos falar a verdade do que acontece;*
- *gosto muito de Internet, mas confesso que toma muito do meu tempo para os estudos;*
- *é bom falar para os professores, porque eles podem falar para seus outros alunos.*

O que mais chama atenção nos comentários feitos pelos alunos, é o fato de terem gostado de falar sobre o tema da pesquisa. Em geral, é um assunto que interessa aos adolescentes, pois faz parte de seu cotidiano.

Com base nesses dados, pode-se dizer que os adolescentes entrevistados têm necessidade e/ou vontade de falar sobre o tema, ficando a sensação de que ouvi-los mais, criando outras atividades em que se possa unir “conteúdo de aula” com a realidade a que estão sujeitos, provocaria uma aproximação entre professores e alunos, beneficiando-se a dimensão cognitiva (construção de conhecimento individual e coletiva) e a dimensão afetiva.

Observações feitas pelos **pais** ao final do questionário:

- *o Orkut do meu filho é bloqueado, somente amigos têm acesso aos vídeos e fotos;*
- *os pais têm que ficar atentos ao que seu filho faz ou usa na Internet, computador na sala sempre à visão de todos;*
- *a Internet é um meio de comunicação que, se for usado para algo bom, ajuda muito, mas se for mau utilizada pode arruinar a vida de uma pessoa;*
- *Internet segura é aquela onde os pais estão sempre orientando os filhos;*
- *o bullying sempre existiu, mas somente agora a sociedade acordou para as crianças e adolescentes violentos no ambiente escolar;*

- *as crianças devem ter mais cuidado e os pais devem prestar mais atenção no que eles falam;*
- *gostei, muito bom;*
- *gostaria que não existisse a tal Internet, acho muito perigoso.*

Nos comentários realizados pelos pais, fica evidente que os mesmos estão preocupados com a segurança de seus filhos quando estes utilizam a *Internet*. No último comentário (acima) podemos até mesmo observar uma visão da *Internet* não como aliada, mas como problema na educação dos filhos.

Apenas um professor colocou sua observação:

- *A Internet é uma fonte de informações com alcance ilimitado, no entanto, sem o uso adequado deste meio pode se tornar uma grande fonte de problemas tais como: a utilização de sites não confiáveis, a disseminação da prática de plágio (cópias de textos que não são sequer lidos, etc.). Como instrumento recente, ainda carece de melhor aproveitamento como recurso de ensino-aprendizagem.*

Percebe-se na fala do professor o reconhecimento do potencial das tecnologias de informação e comunicação e, mais especificamente, o que a *Internet* representa. Há, por outro lado, uma percepção de perigo ou problema, semelhante às falas dos pais comentadas anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, foi possível conhecer um pouco mais como os alunos adolescentes pesquisados utilizam a *Internet* e ter uma percepção desse uso no que se refere ao perigo da utilização antiética da rede. Também foi possível conhecer o que pensam pais e professores desses alunos sobre o assunto.

Todos os alunos e professores deste estudo relataram ter acesso e saber navegar na *Internet*, confirmando que o uso da rede por adolescentes já é uma realidade, mesmo para aqueles provenientes de classes sócio-econômicas menos favorecidas e de escolas públicas. São adolescentes pertencentes à geração “*homo zappiens*” como citado no referencial teórico. Em contrapartida, a maioria dos pais afirma não saber navegar na rede, o que, talvez, tenha relação com o que foi constatado: o fato destes pais não controlarem os acessos à rede que seus filhos fazem, pois é mais difícil controlar algo que não se conhece.

Outro fato significativo é que a maioria dos alunos faz uso da *Internet* em suas próprias casas, por um período de tempo superior a cinco horas semanais, com total conhecimento dos pais, demonstrando como é presente a *Internet* na vida desses adolescentes. Não se pode esquecer que, muitas vezes, pelo fato dos adolescentes estarem em suas casas, produz em alguns pais a sensação de total segurança, outro fator que pode explicar o pouco controle sobre o que seus filhos acessam na rede.

Os *sites* de relacionamento, principalmente Orkut e MSN, são os preferidos e mais utilizados pelos alunos e os mesmos possuem um número expressivo de amigos virtuais. No entanto, a maioria dos pais desconhece esse número de amigos que seus filhos contatam.

Em relação à confiabilidade das informações propagadas nas redes de relacionamento, os adolescentes acreditam mais na confiabilidade das informações que aí transitam do que seus pais, ficando evidente que estes últimos estão preocupados com os conteúdos divulgados. Outro fator que pode explicar esse dado é que a maioria dos adolescentes pesquisados afirmou nunca ter sentido qualquer tipo de medo ao navegar pela rede, isto pode ser relacionado ao expressivo número de alunos que acessa *sites* não recomendados para sua

idade e que, também, publicam suas fotos e vídeos. Em contrapartida, algumas orientações dadas pelos pais e professores são levadas em consideração, uma vez que dados como endereço e telefone são pouco divulgados pelos adolescentes que admitem sentir medo em publicar tais dados pessoais. Já os pais sentem maior insegurança quando seus filhos estão conectados e mais da metade sente medo, principalmente em relação à pedofilia e encontros com pessoas estranhas.

A maioria dos pais e professores afirma orientar os adolescentes quanto aos perigos na *Internet*. O que torna legítimo acreditar que esta função deva ser realizada em conjunto, pela família e pela escola, como respondeu a maioria dos professores. Enquanto a escola deve realizar reuniões de pais para informá-los e sensibilizá-los quanto ao problema e discutir com os professores estratégias para melhor abordar o assunto, a família também tem papel fundamental, devendo alertar e controlar os conteúdos acessados pelos filhos, mantendo um diálogo aberto com os mesmos.

Como foi visto anteriormente, uma das consequências do avanço tecnológico é o uso inadequado dos meios virtuais. O *ciberbullying* é um fenômeno que vem preocupando nos dias atuais. Os alunos entrevistados sabem o que significa este fenômeno e a maioria afirma nunca ter sido vítima de tal crime. Porém, ao responderem se conhecem alguém que já tenha sido alvo de *ciberbullying*, quase metade dos alunos respondeu de forma afirmativa, comprovando que esta prática ocorre e vem se propagando cada vez mais em nossa sociedade.

Outro aspecto importante é que os adolescentes confiam em seus pais na hora de consultá-los, caso venham a ser vítimas de algum crime na *Internet*. Esta constatação é importante já que nestes casos os adolescentes necessitam de orientações adequadas e um adulto que saiba orientá-los. Entretanto, a mesma confiança não é transmitida pelos professores. Este distanciamento é preocupante. Entendemos que os professores também devem ser pessoas acessíveis aos alunos, podendo acolhê-los e orientá-los. Essa confiança e aproximação é, portanto, um desafio para os professores, cabendo-lhes ter sensibilidade, criatividade e iniciativa para pensar maneiras de concretizá-las.

Fica, pois, aqui, o desafio: como tornar mais significativo o que se aborda em sala de aula? Como utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação, a *Internet* e as redes sociais, em atividades educativas não apenas para como um verniz de modernidade, mas, verdadeiramente, utilizando as ricas e novas possibilidades desses recursos? É legítimo

acreditar que, falando-se metaforicamente, a escola mais “analógica” ganharia qualidade aproximando-se mais das novas gerações, que são “digitais” através de profundas mudanças de concepções e paradigmas de educação, do que significa aprender, ensinar e mediar, incorporando as novas tecnologias e modificando, conseqüentemente, velhas e obsoletas metodologias.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo (org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BORUCHOVITCH, Evely. A motivação no contexto escolar: implicações para a formação de professores. In: SANTOS, Bettina Steren dos; CARREÑO, Ángel Boza (orgs.). **A motivação em diferentes cenários**. Porto Alegre: EDIPURS, 2010.

BROOKE, Daniel; PONTES, Luís Antônio Fajardo. **Boletim contextual: SAERS**. Juiz de Fora: Secretaria da Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora - Faculdade de Educação, CAEd, 2009.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LITWIN, Edith (org.). **Tecnologia educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2000. (Coleção Papirus Educação)

SANTOS, Bettina Steren dos et. al. Na adolescência, o processo motivacional e a informática. In: SANTOS, Bettina Steren dos; CARREÑO, Ángel Boza (orgs.). **A motivação em diferentes cenários**. Porto Alegre: EDIPURS, 2010.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Mozart Linhares da (org.). **Novas tecnologias**. Educação e sociedade na era da informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANEXOS

Termo de consentimento livre e esclarecido



Eu, Nina Rosa Ventimiglia Xavier, diretora da escola Estadual de Educação Básica Monsenhor Leopoldo Hoff autorizo a realização da pesquisa sobre vulnerabilidade na *Internet* com os alunos, pais e professores, do primeiro ano do Ensino Médio, objeto de monografia, a ser realizada pela professora Rejane Nissola da Cunha, sob a orientação da Professora Ana Vilma Tijiboy.

Por sua vez, a pesquisadora Rejane Nissola da Cunha, graduada em Licenciatura Plena em Educação Física, compromete-se a manter em sigilo os dados que coloquem em exposição e que possam promover prejuízos aos alunos, pais e professores.

Por fim, estou ciente de que pós-graduanda e orientadora colocam-se a disposição para todo e qualquer esclarecimento que se fizer necessário, durante o período da realização da referida pesquisa.

Porto Alegre, _____ de _____ 2010.

Assinatura do (a) participante

Questionário destinado aos alunos



Mídias na
EDUCAÇÃO

Prezado (a) aluno (a):

Na tentativa de melhor compreender o uso da *Internet* dos alunos do ensino médio peço colabore respondendo este questionário. Suas respostas serão sigilosas, mantendo seu anonimato. Agradeço sua colaboração e comprometo-me a compartilhar os resultados da pesquisa realizada, caso você se interesse.

Rejane Nissola da Cunha

1) Idade: _____

2) Sexo: () feminino () masculino

3) Série: _____

4) Você acessa a *Internet*?

() Sim () Não

5) Em que local você costuma acessar a *Internet*?

- () casa
- () casa de amigos, parentes
- () lan house
- () escola
- () outros

6) Quantas horas por **semana** você utiliza a *Internet*?

- () menos de uma hora
- () uma hora
- () duas horas
- () três horas
- () quatro horas
- () mais de cinco horas

7) Você costuma acessar e participar de algum (ns) desses *sites* abaixo? Marque todos os que acessa.

- () Orkut
- () Twitter
- () Facebook
- () Twitcam
- () You Tube

- () MSN
 () nenhum
 () Outros. Quais? _____

8) Aproximadamente quantos amigos virtuais você tem em:

- Orkut ____
 Facebook ____
 MSN ____
 Outros _____

9) Desses amigos da tua rede virtual, quantos você **conhece pessoalmente?**

- () todos () mais da metade () metade () menos da metade

10) De todos teus amigos virtuais, quanto pensas estar seguro que o que eles dizem ser, de fato corresponde à realidade?

- () tudo verdade () mais da metade é verdade () metade verdade () menos da metade verdade

11) Você se considera uma pessoa “popular” no meio virtual?

- () Sim, sou muito popular
 () Sou mais ou menos popular
 () Sou mais popular do que sou presencialmente

Justifica tua resposta: _____

12) Quais dos itens abaixo **sobre você** publica na *Internet*?

- () fotos
 () vídeos
 () endereço
 () telefone
 () data de nascimento

13) **Quão seguro** você acha a publicação desses itens?

- Fotos:** seguro () mais ou menos seguro () perigoso () muito perigoso()
Vídeos: seguro () mais ou menos seguro () perigoso () muito perigoso()
Endereço: seguro () mais ou menos seguro () perigoso () muito perigoso()
Telefone: seguro () mais ou menos seguro () perigoso () muito perigoso()
Data de nascimento: seguro () mais ou menos seguro () perigoso () muito perigoso()

14) Como pensa que **seus pais** responderiam à pergunta acima, se fosse perguntado a eles?

(Quão seguro você, pai de família, pensa ser seguro que seu filho publique os itens abaixo?)

- Fotos:** seguro () mais ou menos seguro () perigoso () muito perigoso()
Vídeos: seguro () mais ou menos seguro () perigoso () muito perigoso()
Endereço: seguro () mais ou menos seguro () perigoso () muito perigoso()
Telefone: seguro () mais ou menos seguro () perigoso () muito perigoso()
Data de nascimento: seguro () mais ou menos seguro () perigoso () muito perigoso()

15) Você já acessou algum site de conteúdo não recomendado para sua idade?

- () Sim. Quais? _____
 () Não

16) Você já sentiu medo em algum acesso à *Internet*?

Sim Não

Em que situação você sentiu medo? _____

17) Seus pais controlam os conteúdos que você acessa na *Internet*?

sempre

às vezes

nunca

18) Você sabe o que é *ciberbullying*?

Sim Não

Escreva, com suas palavras o que entende por *ciberbullying*: _____

19) Você já foi alvo de *ciberbullying*?

Sim Não

Caso resposta positiva, descreva, brevemente, este episódio. _____

20) Você conhece alguém que **tenha cometido** *ciberbullying*?

Sim Não

21) Você conhece alguém que tenha sido **alvo de** *ciberbullying*?

Sim Não

22) Se você vivenciasse alguma situação na *Internet* em que se sentisse ameaçado ou ame-
drontado, você consultaria seus pais?

sempre talvez nunca

23) Consultaria ou comentaria com algum professor?

sim não nunca

Alguma observação ou comentário que você queira fazer, favor registre aqui.

Muito obrigada!!

Meu e-mail, caso queira contatar-me:rnissola@ibest.om.br

Questionário destinado aos pais



Mídias na
EDUCAÇÃO

Prezado(s) Pais:

Na tentativa de melhor compreender o uso da *Internet* dos alunos do ensino médio e a opinião dos pais de família em relação a este assunto, peço colabore respondendo este questionário. Suas respostas serão sigilosas, mantendo seu anonimato. Agradeço sua colaboração e comprometo-me a compartilhar os resultados da pesquisa realizada, caso você se interesse.

Rejane Nissola da Cunha

- 1) Qual é sua idade? _____ Sexo: () feminino () masculino
- 2) Quantos filhos você tem? _____ Que idade (s) tem seus filhos? _____
- 3) Qual seu grau de escolaridade? _____
- 4) Em que você trabalha? _____
- 5) Você tem acesso a *Internet* e sabe navegar pela rede?
() Sim () Não
- 6) Seu filho (a) tem acesso a *Internet*?
() Sim () Não
- 7) Em que local **ele(a)** costuma acessar a *Internet*?
() casa
() casa de amigos, parentes
() lan house
() escola
() outros
() não sei
- 8) Quantas horas por semana **ele(a)** utiliza a *Internet*?
() menos de uma hora
() uma hora
() duas horas
() três horas

- quatro horas
- mais de cinco horas
- não sei

9) Você tem conhecimento se seu filho(a) acessa e participar de algum(ns) desses *sites* abaixo? Marque todos os que acessa.

- Orkut
- Twitter
- Facebook
- Twitcam
- You Tube
- MSN
- Outros. Quais? _____
- Não sei

10) Você tem conhecimento de quantos amigos virtuais seu filho(a) tem na *Internet*?

Sim Não .

Caso sua resposta tenha sido sim, escreva abaixo o numero aproximado de amigos que pensa seu filho(a) tem no:

Facebook _____

MSN _____

Outros _____

não sei

11) Desses amigos da rede virtual **do seu filho(a)**, quantos você (**pai ou mãe**) conhece pessoalmente?

- todos mais da metade metade
- menos da metade não sei responder

12) De todos os amigos virtuais de **seu filho (a)**, quanto você pensa estar seguro que o que eles dizem ser pela *Internet*, de fato corresponde à realidade?

- tudo verdade mais da metade é verdade metade verdade
- menos da metade verdade não sei responder

13) Você sabe quais dos itens abaixo seu **filho (a)** publica na *Internet*?

- fotos
- vídeos
- endereço
- telefone
- data de nascimento
- não tenho conhecimento

14) Quão seguro você acha a publicação desses itens por **seu filho (a)** na *Internet*?

- Fotos:** seguro mais ou menos seguro perigoso muito perigoso
- Vídeos:** seguro mais ou menos seguro perigoso muito perigoso
- Endereço:** seguro mais ou menos seguro perigoso muito perigoso
- Telefone:** seguro mais ou menos seguro perigoso muito perigoso
- Data de nascimento:** seguro mais ou menos seguro perigoso muito perigoso

15) Você tem conhecimento se **seu filho (a)** já acessou algum site de conteúdo não recomendado para a idade dele (a)?

- () Sim. Quais? _____
 () Não

16) Você sente medo quando seu filho(a) acessa à *Internet*?

- () Sim () Não

Por quê? O que preocupa você?

17) Você controla os conteúdos que seu filho (a) acessa na *Internet*?

- () sempre
 () às vezes
 () nunca

18) Em sua opinião, um adulto sabe identificar situações de perigo/exposição perigosa na *Internet* melhor que crianças e adolescentes?

- () Sim () Não

19) Você costuma dar orientações a seu filho (a) sobre os perigos da *Internet*?

- () Sim () Não

Que tipo de orientação?

20) Você sabe o que é *ciberbullying*?

- () Sim () Não

Escreva, com suas palavras o que entende por *ciberbullying*:

21) Você sabe se seu filho(a) já foi alvo de *ciberbullying*?

- () Sim () Não

Caso resposta positiva, descreva, brevemente, este episódio.

22) Você acha que se seu filho vivenciasse alguma situação de medo ou ameaça pela *Internet*, o procuraria?

- () sempre () talvez () nunca () não sei

Alguma observação ou comentário que você queira fazer, favor registre aqui.

Muito obrigada!!

Meu e-mail, caso queira contatar-me: rmissola@ibest.com.br

Questionário destinado aos professores



Mídias na
EDUCAÇÃO

Prezado(a) Professor(a):

Na tentativa de melhor compreender o uso da *Internet* dos alunos do ensino médio e percepção de professores a respeito, peço colabore respondendo este questionário. Suas respostas serão sigilosas, mantendo o anonimato. Agradeço sua colaboração e comprometo-me a compartilhar os resultados da pesquisa realizada, caso você se interesse.

Rejane Nissola da Cunha

- 1) Idade: _____ Disciplina que leciona: _____
- 2) Sexo: masculino () feminino ()
- 3) Carga Horária: _____
- 4) Em quantas escolas você trabalha? _____
- 5) Mais ou menos quantos alunos você possui? _____
- 6) Você acessa *Internet*?
() Sim () Não
- 7) Em que local você costuma acessar a *Internet*?
() casa
() casa de amigos, parentes
() lan house
() escola
() outros
- 8) Quantas horas por semana você utiliza a *Internet*?
() menos de uma hora
() uma hora
() duas horas
() três horas
() quatro horas
() mais de cinco horas

9) Você costuma acessar e participar de algum (ns) desses *sites* abaixo?

Marque todos os que acessa:

- Orkut
 Twitter
 Facebook
 Twitcam
 You Tube
 MSN
 Nenhum
 Outros. Quais? _____

10) Você tem alunos como seus amigos virtuais?

- Sim Não

11) Aproximadamente quantos amigos virtuais você tem em:

Orkut _____

Facebook _____

MSN _____

Outros _____

12) Desses amigos da tua rede virtual, quanto conheces pessoalmente?

- todos mais da metade metade menos da metade

13) De todos teus amigos virtuais, quanto pensa estar seguro que o que eles dizem ser, de fato corresponde à realidade?

- tudo verdade mais da metade é verdade metade verdade
 menos da metade verdade

14) Você se considera uma pessoa “popular” no meio virtual?

- Sim, sou muito popular
 Sou mais ou menos popular
 Sou mais popular do que sou presencialmente

Justifica tua resposta:

15) Quais dos itens abaixo você publica sobre você na *Internet*?

- fotos
 vídeos
 endereço
 telefone
 data de nascimento

16) Quão seguro você acha a publicação desses itens?

- | | | | | |
|-------------------------|------------|--------------------------|--------------|-------------------|
| Fotos: | seguro () | mais ou menos seguro () | perigoso () | muito perigoso() |
| Vídeos: | seguro () | mais ou menos seguro () | perigoso () | muito perigoso() |
| Endereço: | seguro () | mais ou menos seguro () | perigoso () | muito perigoso() |
| Telefone: | seguro () | mais ou menos seguro () | perigoso () | muito perigoso() |
| Data nascimento: | seguro () | mais ou menos seguro () | perigoso () | muito perigoso() |

17) Você já sentiu medo em algum acesso à *Internet*?

Sim

Não

Em que situação você sentiu medo? _____

18) Em sua opinião, um adulto sabe identificar situações de perigo/exposição perigosa na *Internet* melhor que crianças e adolescentes?

Sim

Não

19) Referindo-se especificamente a **crianças e adolescentes (alunos)**, quão seguro você acha a publicação desses itens **para eles**?

Fotos: seguro mais ou menos seguro perigoso muito perigoso

Vídeos: seguro mais ou menos seguro perigoso muito perigoso

Endereço: seguro mais ou menos seguro perigoso muito perigoso

Telefone: seguro mais ou menos seguro perigoso muito perigoso

Data nascimento: seguro mais ou menos seguro perigoso muito perigoso

20) Você costuma fazer atividades com seus alunos na sala de informática?

Sim

Não

Que tipo de trabalhos? _____

21) Você costuma dar orientações a seus alunos sobre os perigos da *Internet*?

Sim

Não

Que tipo de orientações? _____

22) Em sua opinião, de quem seria a responsabilidade de orientar crianças e adolescentes quanto a possíveis situações de perigo na *Internet*? _____

23) Você sabe o que é *ciberbullying*?

Sim

Não

24) Você tem conhecimento que algum aluno seu tenha cometido *ciberbullying* ou tenha sido vítima de tal crime?

Sim

Não

cometido

sido alvo

25) Você acha que se algum de seus alunos vivenciasse alguma situação de medo ou ameaça pela *Internet*, o procuraria?

Sempre

Talvez

Nunca

Não sei

Alguma observação ou comentário que você queira fazer, favor registre aqui: _____

Muito obrigada!!

Meu e-mail, caso queira contatar-me: rmissola@ibest.com.br

Tabelas

TABELA 1: IDADE DOS ALUNOS

IDADE	ALUNOS	%
14 anos	3	4,5
15 anos	29	43,3
16 anos	25	37,3
17 anos	7	10,4
18 anos	3	4,5
TOTAL	67	100,0

TABELA 2: HORAS POR SEMANA DE ACESSO À *INTERNET* (ALUNOS)

HORAS SEMANAIS	ALUNOS	%
Menos de 1 hora	2	3,0
1 hora	10	15,0
2 horas	8	12,0
3 horas	7	10,0
4 horas	5	7,0
Mais de 5 horas	35	53,0
TOTAL	67	100,0

TABELA 3: HORAS DE ACESSO A *INTERNET* (SEGUNDO OS PAIS)

HORAS SEMANAIS	PAIS	%
Menos de 1 hora	01	3,0
1 hora	03	10,0
2 horas	01	3,0
3 horas	04	13,0
4 horas	03	10,0
Mais de 5 horas	14	45,0
Não sei	05	16,0
TOTAL	31	100,0

TABELA 4: CONHECIMENTO POR PARTE DOS PAIS DA QUANTIDADE DE AMIGOS VIRTUAIS DE SEUS FILHOS EM CADA COMUNIDADE ACESSADA

CONHECIMENTO SOBRE A QUANTIDADE AMIGOS VIRTUAIS	PAIS	%
Sim	10	32,0
Não	21	68,0
TOTAL	31	100,0

TABELA 5: AMIGOS VIRTUAIS QUE CONHECEM PESSOALMENTE

CONHECE PESSOALMENTE	ALUNOS	%
Todos	15	22,0
Mais da metade	27	41,0
Metade	14	21,0
Menos da metade	8	12,0
Não respondeu	3	4,0
TOTAL	67	100,0

TABELA 6: ACESSO A CONTEÚDOS NÃO RECOMENDADOS

ACESSO A CONTEÚDOS NÃO RECOMENDADOS	ALUNOS	%	PAIS	%
Sim	31	43,0	02	6,0
Não	36	57,0	29	94,0
TOTAL	67	100,0	31	100,0